



VERDE-OLIVA

Exército Brasileiro

BRASÍLIA-DF • Ano XXXVI • Nº 201 • ABR/MAIO/JUN 2009 CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO

"Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A vitória que virá:
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bernal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil."

Trecho da Canção do Expedicionário
Letra: Guilherme de Almeida



*Lembrem-se da Paz!
Lembrem-se da FEB!*

- Entrevista com o "Febiano" Deputado Federal Camilo Cola
- As Glórias da FEB
- O 1º Tiro da Artilharia Brasileira em solo italiano



A POUPLEX ABRE AS PORTAS DA CASA PRÓPRIA PARA VOCÊ.

As melhores condições para aquisição de imóvel residencial ou comercial, novo ou usado, construção de imóvel residencial e para aquisição de terreno e de material de construção.

**Financiamento
Imobiliário**

POUPLEX

Faça já o seu

0800 61 3040

www.casapropriapoupex.com.br

ESCRITÓRIO REGIONAL DA FHE NO DISTRITO FEDERAL - ESCDF

QGEEx - Bl. "H" - Térreo (SMU) - 70630-901
Brasília-DF - Fone (61) 3225.3932, 3225.8339, e 3415.6605 - Fax (61) 3415.5459

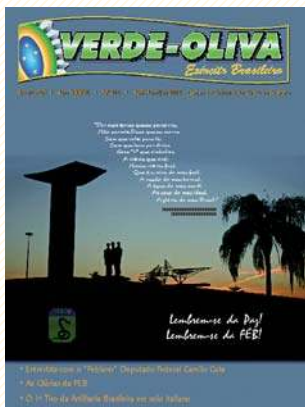
POUPLEX

Associação
de Poupança
e Empréstimo

www.poupex.com.br

EDITORIAL

VERDE-OLIVA – Ano XXXVI – Nº 201 – ABR/MAIO/JUN 2009



NOSSA CAPA

Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial
Foto: Maj QCO Waston do Centro de Estudos de Pessoal

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO (CCOMSEX)

• Chefe do CCOMSEX:

Gen Div Adhemar da Costa Machado Filho

• Subchefe do CCOMSEX:

Cel Art QEMA Carlos Chagas dos Santos

• Chefe de Produção e Divulgação:

Cel Eng QEMA Abner Gonçalves de Magalhães

CONSELHO EDITORIAL

Cel OMB QEMA Eduardo Arnaud Cypriano

Cel Eng QEMA Abner Gonçalves de Magalhães

Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

SUPERVISÃO TÉCNICA

Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

REDAÇÃO

Maj Inf Nilton Diniz Rodrigues

Cap QCO Adriana Ferreira Ribeiro de Castro

2º Ten QAO Adm Ernando Corrêa Pereira

PROJETO GRÁFICO

Cap QAO Topo Carlos Alberto Ramos de Moraes

1º Ten QAO Adm G Osmar Leão Rodrigues

1º Ten OTT Aline Sanchotene Alves

1º Ten QCO Karla Roberta Holanda Gomes Moreira

ST Inf Pallemberg Pinto de Aquino

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO

GRÁFICA EDITORA PALLOTTI

Av. Plínio Brasil Milano, 2145 – Passo D'Areia

90520-003 – Porto Alegre-RS

Fone: (51) 3021-5001

TIRAGEM

30.000 exemplares • Circulação dirigida (no País e no exterior)

FOTOGRAFIAS

Arquivo CCOMSEX

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Maria José dos Santos Oliveira – RP/DF/MS 3199

PERIODICIDADE

Trimestral

É permitida a reprodução de artigos, desde que citada a fonte, exceto das matérias que contiverem indicação em contrário.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Quartel-General do Exército – Bloco B – Térreo

70630-901 – Setor Militar Urbano – Brasília/DF

Telefone: (61) 3415-6514 • Fax: (61) 3415-4399

verdeoliva@exercito.gov.br

Disponível em PDF

www.exercito.gov.br

P

rezado leitor verde-oliva,

Venha viajar conosco pelas páginas da Revista Verde-Oliva nº 201, pois ela contempla assuntos que nos são caros, como os valores históricos e morais cultuados pelo Exército Brasileiro desde Guararapes.

O Febiano, Empresário e Deputado Federal Camilo Cola rememora acontecimentos marcantes no teatro de operações europeu e as influências que recebeu no fortalecimento de seu caráter de cidadão. Em justa homenagem, esta edição destaca o Dia da Vitória aliada – fim da Segunda Grande Guerra – e nos traz à lembrança o detentor do bastão de comando da Força Expedicionária Brasileira, até maio deste ano, Marechal Waldemar Levy Cardoso, o soldado mais antigo. Para os leitores que desejam conhecer um pouco mais sobre a Força Expedicionária, o artigo “As glórias da FEB” apresenta noções sobre o que representou a atuação dos nossos heróis na Itália. “O primeiro tiro da Artilharia Brasileira em solo italiano” oferece páginas memoráveis daquele episódio. “No Rastro dos Heróis” surge como uma homenagem aos 140 anos da Dezembrada, mais um exemplo de dedicação incondicional à Pátria.

Este número da Verde-Oliva também convida o leitor a conhecer as peculiaridades do Forte Coimbra e do 37º Batalhão de Infantaria Leve.

O “Sistema de Excelência no Exército Brasileiro” apresenta-se como um texto informativo de grande relevância para todos que contribuem para a obtenção de resultados positivos na execução de suas tarefas.

A matéria “A Observação Aérea no Brasil” permite-nos acompanhar a evolução dessa técnica desde 1867.

Já a pensionista gaúcha Elizia Torres e Silva nos oferece uma lição de vida no auge dos seus 116 anos. Enternecido com a sapiência e a lucidez dessa senhora, o leitor viaja para os bancos escolares dos colégios militares e depara-se com o êxito de nossos jovens alunos na Olimpíada Brasileira de Matemática/2008.

Histórias de sucesso não se encerram por aí. Engajado com a questão ambiental, o Segundo-Sargento Guilherme, do 5º Centro de Telemática de Área, elaborou, em coautoria, um artigo científico sobre o Parque dos Manguezais, em Recife, o que lhe rendeu o “Prêmio Valores do Brasil/2008”.

O interesse pela pesquisa assume papel de grande importância nos exércitos modernos e a Força, por intermédio do trabalho técnico do Centro Tecnológico do Exército, brinda-nos com um artigo sobre a utilização da Fibra de Carbono em material de emprego militar.

A presença de religiosos junto à tropa sempre foi fator de grande importância. É interessante conferir a matéria sobre Frei Orlando, capelão que se voluntariou para integrar a FEB. Por viver de forma heroica as virtudes cristãs, o Frei teve seu nome indicado à beatificação.

A magnífica atuação do 4º Batalhão de Aviação do Exército na libertação de cidadãos colombianos, reféns da guerrilha, é um exemplo de competência e profissionalismo.

Com a “Mão Amiga”, marca registrada de nossa Força, registra-se o importante trabalho social, realizado pela 14ª Brigada de Infantaria Motorizada, em socorro aos flagelados da tragédia das chuvas em Santa Catarina.

Temos, ainda, “As Bandas de Música Militares” que, desde o século XVII, comovem seus apreciadores, promovendo momentos prazerosos de integração e de lazer.

Por fim, apresentamos em “Personagem da nossa História”, o eterno “Sargento Lima”, lídimo representante do combatente da Força Expedicionária Brasileira.

Rememoremos o nosso passado, pleno de ensinamentos. Boa leitura!


Gen Div Adhemar da Costa Machado Filho
Chefe do CCOMSEX

Sumário



- 6 - Entrevista:
Dep CAMILO COLA
(ex-integrante da FEB)



- 9 - As Glórias da FEB



- 14 - O primeiro tiro da
Artilharia Brasileira
em solo italiano

- 20 - No Rastro dos Heróis
- 21 - O Valor da preservação do Parque dos
Manguesais em Recife-PE
- 24 - 4º B Av Ex participa de missão humanitária
da Cruz Vermelha Internacional
- 26 - A tragédia das chuvas em Santa Catarina
- 31 - Forte Coimbra
- 32 - A Fibra de Carbono
- 34 - A Observação Aérea no Brasil



- 18 - Frei Orlando



- 8 - Homenagem ao Soldado
mais antigo:
Marechal Levy Cardoso

- 39 - 37º Batalhão de Infantaria Leve
- 42 - Sistema de Excelência no Exército Brasileiro
- 46 - Pensionista gaúcha de 116 anos: uma lição de vida
- 47 - O SCMB na Olimpíada Brasileira de Matemática/2008
- 48 - As Bandas de Música Militares
- 50 - Personagem da nossa história – O eterno “Sgt Lima”



Espaço do Leitor

🦉 A Revista **Verde-Oliva** com excelentes artigos é, sem dúvida, um veículo informativo de nosso Exército cuja divulgação fortalece o pensamento militar, necessário à nossa soberania."

*General-de-Exército Armando de Moraes de Ancora Filho
Rio de Janeiro-RJ*

🦉 Parabenizo o Chefe do CCOMSEx e a equipe da Revista **Verde-Oliva** pelo excelente trabalho de divulgação das atividades do nosso glorioso Exército. A difusão da revista muito contribui para a manutenção do prestígio do EB apesar de 'tudo e de todos'. Muito sucesso."

*General-de-Brigada Ref Luiz Henrique Domingues
Fortaleza-CE*

🦉 Gostaria de parabenizar toda a equipe que contribui de forma direta ou indireta para realizar este trabalho maravilhoso que é a Revista **Verde-Oliva**. Aproveito para dizer que sou um grande admirador desta família que é o Exército Brasileiro. Tive a oportunidade de ler a edição de nº 199, que traz as ações do Exército Brasileiro em prol do desenvolvimento sustentável da região amazônica, a qual foi de grande valia para meu trabalho de faculdade."

*Thiago Rodrigues
Secretário da Junta de Serviço Militar – Guairanga-PR*

🦉 Meu pai, hoje falecido, ensinou-me o quanto o Exército Brasileiro é importante para a vida de uma pessoa, e eu sempre tive o hábito de ler a Revista **Verde-Oliva**. Acho seus artigos emocionantes, com os quais aprendo muito."

Renato Santos Lopes Ferreira

🦉 Após a leitura das matérias da Revista **Verde-Oliva** nº 199, abordadas e expressas de forma clara e objetiva, quero manifestar minha satisfação e apresentar as minhas sinceras felicitações pelo excelente trabalho produzido pela equipe. Os assuntos são relevantes e de grande interesse nacional especialmente para professores, estudantes, dirigentes dos poderes públicos e, sobretudo, para cada cidadão brasileiro, pela clareza, método e segurança na exposição de cada matéria."

Waldemar Serafin

🦉 Esta nobre e valorosa revista muito contribuiu para a conclusão de minha monografia 'A Constituição Federal e as Forças Armadas'. Mostrei nesta obra as atividades da caserna no meio social, cultural e, principalmente, sua missão constitucional."

*Robson Silva
São Paulo-SP*

🦉 Quero parabenizar a equipe da revista **Verde-Oliva** pelo brilhante trabalho e excelente conteúdo gráfico e editorial de cada edição. Destaco o artigo 'Ação de Comando Continuada' assinada pelo General **Alberto Cardoso**, que, na minha visão, não é apenas um simples artigo para o emprego nos quartéis, trata-se de uma verdadeira aula de administração e gestão para ser aplicada em toda e qualquer empresa de grande, médio e pequeno porte."

*Valdir Nobre
Belo Horizonte-MG*

A Revista Verde-Oliva completou 36 anos de criação no último mês de maio. Nesse clima de comemoração, agradecemos pelo apoio irrestrito de nosso seletor público leitor e convidamos a todos para seguir nessa trajetória de culto aos valores e às tradições castrenses. Aprimorar e consolidar esse importante veículo de Comunicação Social é o nosso estímulo, que se renova a cada publicação.

ERRAMOS - Edição nº 200

Página 6 - Os quadros dos Heróis de Guararapes são de autoria do artista plástico Ostervaldo.

Página 30 - A foto da viatura blindada publicada como sendo de um M60 é de um Leopard 1A1.

Página 38 - No título da matéria, grafamos "Terrestre" em vez de Terrestre.



VERDE-OLIVA

ENTREVISTA

“Febiano” Camilo Cola



“As atividades de empresário e de político se entrelaçam. Mas o que me fortaleceu o caráter foi a presença na guerra e a luta pela democracia.”

No dia 8 de maio, as Forças Armadas e a sociedade brasileira comemoraram o Dia da Vitória – fim da Segunda Guerra Mundial.

As comemorações em torno da vitória aliada trazem-nos, a par da lembrança de nossos patrícios que participaram desse sangrento conflito, momentos de profunda reflexão acerca da nobre missão do Exército Brasileiro de defender a Pátria e os valores morais de nosso povo.

Como forma de exaltar os feitos da FEB (Força Expedicionária Brasileira), o CCOMSEx convidou o “Febiano”, Empresário e Deputado Federal **Camilo Cola** que nos deu o privilégio de tê-lo como entrevistado, proporcionando aos nossos leitores a oportunidade de conhecer um pouco de suas experiências de vida e sua opinião sobre alguns assuntos da atualidade.

Filho de imigrantes italianos, começou a trabalhar em uma rampa como lavador de carros e hoje, aos 82 anos, ainda comanda o maior grupo de transportes do Brasil e maior empresa de transporte rodoviário de passageiros do mundo.

Aos 18 anos, alistou-se, contra a vontade da família, na FEB, na qual sua experiência em mecânica e direção foram úteis. Ainda nessa oportunidade, participou de batalhas e missões em Monte Castelo e Montese na Itália.

Verde-Oliva – O Sr. valoriza muito a sua história familiar. Quais sentimentos o levaram a alistar-se na FEB, mesmo contra a vontade de seus familiares?

Camilo Cola – Alistei-me por puro dever cívico. Eu estava servindo ao Tiro-de-Guerra e o sargento que nos comandava franqueou a palavra: na hora me disponibilizei. As notícias de torpedeamento de navios na costa brasileira reforçaram, em mim, a tese de que a pátria corria perigo. Apesar de vir de uma família de italianos, que estavam, naquele momento, ao lado dos nazistas, não titubeei e disse ao meu pai: “sou brasileiro, vou pra Guerra”.

Verde-Oliva – Em palestra realizada no Centro de Comunicação Social do Exército, o Sr. se emocionou e também emocionou a assistência quando falou a respeito da Campanha da FEB. Isso ocorre sempre que o Sr. aborda esse tema ou se deve a algum fato em especial?

Camilo Cola – Os acontecimentos no campo de batalha sempre afloram meus sentimentos. Toda vez que me refiro às atrocidades que presenciei, fico emocionado. Um dos momentos mais trágicos foi quando a Itália se retirou do Eixo e os alemães começaram a matar, indiscriminadamente, homens, mulheres e crianças.

Em cada cidade que chegávamos, o quadro era desolador. Como esquecer? Como deixar de me emocionar com cenas tão fortes e tão injustas?

Verde-Olive – A experiência de guerra traz benefícios para cada um dos participantes. O que o senhor Camilo Cola poderia nos apresentar em relação às experiências pessoais?

Camilo Cola – Aquilo que vivi no “front” de batalha significou uma faculdade para mim. Determinou o rumo da minha vida. Procurei fazer os cursos que a Escola Superior de Guerra (ESG) nos disponibilizou depois da vitória. Participei das atividades da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG) que me foram de grande valia na vida prática. Gostaria de salientar, aqui, que estes cursos sempre estiveram na maior consonância com os objetivos da nossa pátria. Se olhar para trás, sem dúvida, posso dizer que tive benefícios e soube aproveitá-los. Quando chegamos da Campanha, o governo brasileiro permitiu que importássemos caminhões Ford dos Estados Unidos. Este foi o embrião da empresa que fundei, a Itapemirim, e que me enche de orgulho.

Verde-Olive – Na Itália, o Sr. participou de diversas missões e das Batalhas de Monte Castelo e de Montese. Qual a sua opinião sobre o pracinha brasileiro comparado com aqueles que eram considerados os melhores soldados do mundo na época?

Camilo Cola – Nós fomos tão eficientes quanto os melhores soldados americanos que lutaram no “front”. Lógico que para isso recebemos, dos parceiros da América do Norte, apetrechos, armas mais atualizadas, roupas adequadas ao frio. Mas nada ficamos a dever: da disciplina ao cumprimento do dever. Isto reforça a máxima do nosso patrono, o Duque de **Caxias**: “Uma vez na caserna temos que pensar na pátria”.

Verde-Olive – O Sr. poderia nos falar sobre algum acontecimento ou fato pitoresco que tenha presenciado ou do qual tenha participado durante a Guerra?

Camilo Cola – De pitoresco, destaco o prêmio por bom comportamento que recebi: uma visita à linda cidade de Florença, berço de museus, da arte, de monumentos e da história viva da humanidade. Como nunca deixei de usar o pesado capacete de aço, sempre tive minha farda passada (Deus sabe com que dificuldade) e a barba feita, fui deslocado de minha companhia para acompanhar o Major **João Costa** nesta visita. Digo que fui deslocado porque minha função era junto ao canhão antitanque e não servia, diretamente, ao coronel que, na volta ao Brasil, foi promovido a general.

Verde-Olive – Rememoremos o pracinha da FEB e pensemos no soldado de hoje. Com relação a aspectos da área afetiva, como amor à Pátria, nacionalismo e cidadania,

o Sr. acredita que existem diferenças ou isso só pode ser avaliado quando se vive uma situação real?

Camilo Cola – Não se pode, de um gabinete, fazer esta comparação. O que determina a ação numa guerra é a têmpera de cada um. Só na situação real podemos avaliar a coragem e a determinação de um homem, de um soldado. Para ter sucesso é necessária muita motivação. Ter claro que a luta pela liberdade fala mais alto. Naquela guerra, eu tinha, bem claro, que se tratava de uma disputa de Nazismo contra Democracia. Meu lado foi o da liberdade.

Verde-Olive – Convidamos o Sr. a refletir acerca da soberania brasileira na Amazônia. Qual a sua visão sobre o tema?

Camilo Cola – O Brasil deve ter total soberania sobre aquela região tão rica e tão cobiçada pelo mundo todo. Custe o que custar, temos que defender nosso território. Temo que possamos acordar tarde e descobrir que estamos sendo lesados. Preocupa-me, especialmente, a ação de organizações não governamentais que nem sempre têm propósitos muito claros. Aí, mais uma vez, fica evidenciada a importância do Exército Brasileiro na região. Só o patriotismo de homens que se sacrificam, às vezes, pondo em risco suas vidas e distanciando-se da família, é capaz de proteger nossas fronteiras.

Verde-Olive – O Sr. é um cidadão brasileiro que carrega no peito a marca da cobra fumando, por ter pertencido à FEB; é um empresário muito bem sucedido com projeção internacional; e é, também, um político atuante que trata com lisura os diversos problemas brasileiros. Qual das três atividades lhe traz, com maior intensidade, sentimentos de orgulho, alegria e relevância?

Camilo Cola – As atividades de empresário e de político se entrelaçam. Mas o que me fortaleceu o caráter foi a presença na guerra e a luta pela democracia. Lembro de um episódio, há 15 anos, na minha cidade, Cachoeiro de Itapemirim... Um grupo de paraquedistas do Exército lançou uma granada num pasto com vários animais. O proprietário perdeu vacas do seu plantel. Quando eu soube do ocorrido, prontifiquei-me a pagar pelos danos causados no acidente. Eu não poderia deixar, na minha cidade, que a imagem do glorioso Exército nacional ficasse manchada. Conto isso para exemplificar como nunca dissocio as imagens de soldado/empresário/político. Minha preocupação é com o bem público.

Verde-Olive – O Sr. gostaria de acrescentar algo mais a respeito do assunto?

Camilo Cola – Sugiro que nossa verba de defesa seja maior. Se nos compararmos com outros países, menores, da América do Sul, verificamos que estamos aquém em aparelhamento e atualização de meios. —

HOMENAGEM da Revista Verde-Oliva AO SOLDADO MAIS ANTIGO



Foto: Ten R/2 Art Israel Blajberg

Marechal Waldemar Levy Cardoso
04 Dez 1900 - 13 Maio 2009

Detentor do Bastão de Comando da Força Expedicionária Brasileira
Decano da Ordem dos Velhos Artilheiros
Sócio Honorário do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil

"Marechal Levy,
o forte ELO com o Branco, Azul-Anil, Verde e Amarelo.
108 anos fazendo um Brasil mais BONITO,
com sentimento de AMOR-INFINITO!!!
Voltou da guerra com a bandeira da PAZ,
afirmando que o nosso país é um pedaço do céu aqui na TERRA.
Em 13 de maio de 2009 calaram suas palavras, mas com certeza
continuarão falando mais alto suas LIÇÕES.
Saudade é a distância presente na vida da gente!!!
Saudade é a lembrança somente das coisas BOAS!!!"

*Anne Caroline Barbosa de Paula Lima – 16 anos
Amiga do Recrutinha de espírito, coração, alma e carteirinha
Rio de Janeiro-RJ*

AS GLÓRIAS DA FEB

Cel Manoel Soriano Neto

Historiador Militar, ex-Chefe do Centro de Documentação do Exército

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A História, como é consabido, não se repete. Entretanto, como assinalam historiadores de nomeada, há circunstâncias muito semelhantes que reaparecem na existência de cada povo, consoante as velhas teorias do *pendulum historiae* (pêndulo da História) ou *horologium historiae* (relógio da História). Como uma senóide, as Nações chegam ao apogeu de sua evolução histórica e, muitas vezes, por negligência de seus próprios filhos, sofrem, prematuramente, o seu perigo. Já dizia o historiador **Gustavo Barroso**: “Aqueles povos que não escutam as badaladas sonoras de sua História, por seus feitos gloriosos, esquecendo-os, chorarão, amargamente, ao ouvir o triste dobre dos sinos”.

Na História Militar do Brasil, dois momentos históricos ainda bem recentes, exsurtem como de suma relevância: a participação do País na II Grande Guerra e o Movimento Cívico- Militar de 31 de março de 1964. Felizmente, esses dois episódios estão muito bem documentados, máxime após a edição de vários volumes do “Projeto História Oral do Exército Brasileiro”. Assim, se nós militares, em particular, entendermos que a História deve pairar acima dos sabores da época vivida e perseverarmos em enaltecer e cultivar os feitos memoráveis da bela História Militar brasileira, não correremos o risco de “ouvir o triste dobre dos sinos”, como, há tempos, nos advertia o ilustre Gustavo Barroso.

Acerca de um desses episódios históricos é que pretendemos relembrar, sucintamente, alguns aspectos importantes.

A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Breve recorrência histórica

No ano de 1941, quando os alemães dominavam grande parte da Europa, o Japão atacou a base norte-americana de Pearl Harbor, fazendo com que os EEUU, até então neutros, entrassem em guerra. Em vista do Tratado de Havana, de 1930, o Brasil solidarizou-se com aquele



Quadro “Penúltima Missão” do Coronel R/I Estigarribia
Salão Guararapes – Quartel-General do Exército (Brasília-DF)

A FEB cumpriu o seu dever e, acima de tudo, nos mantivemos como Exército que jamais conheceu a derrota.

País e rompeu relações com o Eixo. Diante dessa atitude, não levou muito tempo para que sofrêssemos as represálias do inimigo. Em sete meses, pagávamos o preço da solidariedade continental, hipotecada por força de Tratado: foram afundados 19 navios brasileiros ao longo de nosso litoral. Mais de 700 vidas foram ceifadas, sem declaração de guerra, por torpedos de submarinos alemães. O clamor público se fez sentir em todo o País, então com 40 milhões de habitantes. Em consequência, é declarado, em 22 de agosto de 1942, o estado de beligerância contra os países do Eixo, quando os exércitos inimigos obtinham expressivas vitórias na Europa, África e Ásia, com os nazistas ameaçando Moscou. Estávamos em guerra...

Necessário se faz, para bem entendermos o que era o Brasil daquela época, invocarmos o testemunho do General Octávio Costa, registrado em seu valioso livro de reminiscências da FEB, escrito em 1975, de título “Trinta Anos Depois da Volta”; - Citação: “O Brasil continuava sendo o eterno País do futuro. Éramos uma nação pacifista, cujo Exército havia disparado seu último tiro, em 1870, nos campos do Paraguai. Desde o início da década de 20, aqui estava uma operosa Missão Militar Francesa, que montara no Exército, o admirável sistema de ensino militar que responde pelo excelente nível cultural de nossos oficiais. A organização, os regulamentos, os processos de combate, a doutrina, afinal, era francesa, fortemente impregnada de conceitos defensivos. O armamento, de diferentes procedências. Os canhões eram alemães e franceses, Krupp ou Schneider 75, fuzil Mauser 1908,



morteiro Brandt, metralhadora *Madsen* ou *Hotchkiss* - quase tudo viera da Europa, salvo da Guerra de 18. A Marinha de Guerra limitava-se quase exclusivamente, aos velhos e obsoletos encouraçados 'Minas' e 'São Paulo' e a Aeronáutica, ainda vinculada às forças de terra e mar, mal começava a nascer. Esse era o Brasil de antes da guerra, contemplativo e pobre, pessimista e preguiçoso, inquieto e contraditório, marcado de preconceitos e complexos, quase sempre 'Jeca Tatu'". - Fim da Citação.

Nesse quadro nada alentador é que o Brasil teve a incumbência de preparar um Corpo de Exército de cerca de 70.000 homens (a 3 Divisões de Infantaria) e de intensificar o apoio a seus aliados, por meio de matérias-primas, como a borracha (notável foi a heroica saga dos "Soldados da Borracha", na Amazônia), e também pela utilização de bases aéreas, particularmente as do Nordeste - região bastante vulnerável após a conquista do Norte da África, pelos alemães. Apesar de enormes dificuldades, conseguimos mobilizar 180.000 homens e reforçar o litoral do saliente nordestino com várias Unidades recém-criadas.

Das três Divisões de Infantaria, anteriormente cogitadas, conseguimos formar e adestrar, a duras penas, somente uma Divisão e ainda amargamos a ação deletéria de agentes da "quinta-coluna", que encetaram virulenta campanha contra a FEB. Eram tempos de supervalorização do que era alienígena - tempos de se cantar e dançar tangos e boleros, de se admirar o que vinha da França e dos Estados Unidos. Nos estados sulinos existiam quistos raciais nas comunidades de origem alemã. O Reich nazista estimava contar, no Brasil, com 900.000 simpatizantes. Tudo isso propiciava a propaganda adversa, dizendo-se até que



*Posição de Artilharia nos Apeninos
Acervo do Arquivo Histórico do Exército*



OS QUATRO GENERAIS DA FEB
Da esquerda para a direita: Olympio Falconiere de Joda Cunha -
Inspetor-Geral da FEB, Euclides Zenábio da Costa - Comandante
da Infantaria Divisionária, João Baptista Mascarenhas de Moraes -
Comandante da FEB, Oswaldo Cordeiro de Farias - Comandante
da Artilharia Divisionária
FEB - PORREIA TERME, INVERNO DE 1944/45 - ITÁLIA

"era mais fácil uma cobra fumar do que a FEB partir para a guerra".

Mas a reação brasileira não tardou. Superamos todos os óbices e a "cobra fumando", mote do desdém de apátridas, foi o símbolo da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – 1ª DIE.

A Constituição da FEB (Resumo)

Em 9 de agosto de 1943, foi constituída a Força Expedicionária Brasileira, sob o comando do General de Divisão **João Batista Mascarenhas de Moraes**. A 1ª DIE foi composta por uma Infantaria Divisionária, a três Regimentos de Infantaria; uma Artilharia Divisionária, a quatro Unidades de Artilharia; Órgãos Divisionários e Tropas Especiais, num total de 25.334 homens, recrutados em todos os estados da Federação, aí incluídos 25 capelães, 67 enfermeiras e 28 funcionários do Banco do Brasil.

Consigne-se, por relevante, a participação de significativa parcela de Oficiais da Reserva, oriundos dos CPOR/NPOR. Dos 1.070 Oficiais Subalternos que integraram a FEB, 433, ou seja, 41%, eram da Reserva de 2ª Classe (R/2). E mais: dos 12 Oficiais mortos em combate, 6 eram Tenentes R/2.

As fases da atuação da FEB na Itália

A 1ª DIE ao chegar à Itália, foi incorporada ao IV Corpo de Exército do V Exército dos EEUU e vivenciou quatro fases:

- 1ª fase: operações no vale do rio Serchio;
- 2ª fase: operações no vale do rio Reno;
- 3ª fase: operações no vale do rio Panaro; e
- 4ª fase: operações de Perseguição, ao Sul do rio Pó.

No desenrolar dessas operações, nossos soldados passaram por imensos sacrifícios. A esse respeito afirmou o General **Mascarenhas de Moraes**, em seu livro "A FEB pelo seu Comandante": "Para os que não sabem avaliar o esforço da FEB, pois não se situaram, como nós,

na mais cruenta frente de batalha da Europa Ocidental, só posso dizer que a FEB não teve um só dia de descanso em sua campanha na Itália” (grifamos).

Não é escopo deste trabalho a descrição dos principais feitos expedicionários. Porém, mister se faz a apresentação cronológica dos mesmos, em aspectos de elevada significância.

Na 1ª fase das operações, ainda como Destacamento FEB, obtivemos a primeira vitória, em Camaione, no dia 18 de setembro de 1944. No prosseguimento pelo vale do rio Serchio, avançamos 40 km, efetuamos 208 prisioneiros e conquistamos várias elevações, vilas e cidades, tais como os Montes Prano e Acuto, Massarosa, Fabrice, Fornaci, Galliciano, Barga e San Quirico.

A 2ª fase, ao longo do vale do rio Reno, na região dos contra-fortes de Belvedere, Monte Castelo e Castelnuovo, foi a mais terrível da Campanha expedicionária. Não fosse conquistado o Monte Castelo, seria impossível o prosseguimento do IV CEx em direção a Bolonha, que deveria ser tomada antes da chegada do inverno. Entretanto, tal objetivo só seria atingido se fossem liberados 42 km da Rodovia 64, batida pelos fogos inimigos partidos das citadas elevações, cujo ponto culminante era o Monte Castelo. Quatro ataques a este monte foram desencadeados nos meses de novembro e dezembro de 1944, pelo IV C Ex, com a participação da FEB, um deles somente ao encargo de nossa tropa; porém, não lograram êxito, por uma série de razões muito bem explicadas em copiosa literatura. Finalmente, em 21 de fevereiro de 1945, após 12 horas de batalha e 3 meses de ingentes esforços, que nos roubaram 263 preciosas vidas e nos fizeram mais de um milhar de feridos, a vitória foi obtida. A queda de Monte Castelo foi o momento mais emocionante vivido pela FEB. Para coroar tal façanha, completando a quebra da “Linha Gótica” (tais eram as culminâncias que a compunham), conquistamos, em 5 de março de 1945, as elevações de Torre di Nerone e Castelnuovo, o que propiciou o livre trânsito na Rodovia 64. O IV CEX, no dia seguinte à queda de Monte Castelo, partiu célere para Bolonha, por aquela rodovia.

Na 3ª fase, passamos a operar no corte do rio Panaro, quando se travou, em 14 de abril de 1945, a batalha de Montese, a mais sangrenta de todas. A localidade situava-se a 1.200 m de altitude, um verdadeiro “ninho de águias” onde os alemães estavam encarapitados. A sua conquista, por isso, exigiu muita bravura e esforços inauditos, em especial dos Pelotões de Infantaria e do Esquadrão de Cavalaria Mecanizado. Capturamos 107 prisioneiros e sofremos 426 baixas, aí computadas as ocorridas na fase preliminar da batalha, cumprindo lamentar a morte de três heroicos Infantes, comandantes

de pequenas frações: o Tenente **Ary Rauhen**, o Aspirante **Francisco Mega** e o Sargento **Max Wolff Filho** (este, em missão de patrulha de reconhecimento, na antevéspera do combate). Nessa fase, não poderia haver perda de tempo e a DIE se deslocou para o Norte, em direção a Zocca, conquistando as localidades de Marano e Vignola.

A 4ª fase foi a da Perseguição ao inimigo – em rápida retirada ao Sul do rio Pó –, e se desenvolveu na direção geral Vignola-Alexandria. A Divisão progrediu com incrível velocidade, inclusive utilizando os caminhões da Artilharia, a fim de transportar os Infantes para a região de Fornovo.

Em 27 de abril de 1945, a DIE chocou-se com resistências inimigas em Collecchio-Fornovo-Respício e, em duplo envolvimento, iniciou um amplo cerco às tropas alemãs. Os combates feriram-se durante toda a noite de 27/28 Abr, sendo enviado um “ultimatum” de rendição incondicional aos alemães, que foi aceito, após algumas tratativas. Amanhecia o dia 30 de abril, quando se deu a rendição, em combate, frise-se, da 148ª Divisão de Infantaria do Exército Alemão e remanescentes das 90ª Divisão Panzer Granadier e Bersagliere Itália. Era a apoteose da FEB! A História, naquele momento, registrava fato ímpar: “super-homens” nazistas eram rendidos, em combate, pela única tropa sul-americana presente no Teatro de Guerra europeu. Aprisionamos 14.779 homens, 4.000 animais, 2.500 viaturas, além de farta quantidade de armamento, munição e equipamentos.

Nossa Divisão prosseguiu em seu avanço. Em 30 de abril, ocupou Alexandria, onde fez junção com tropas norte-americanas e, em 1º de maio, após ultrapassar a cidade de Turim, realizou nova junção, com tropas francesas, em Susa. Daí em diante, foram efetuadas operações de ocupação, até 3 de junho, quando houve o deslocamento para o Sul da Itália, onde se aguardou o regresso ao Brasil.



*Entrega da Medalha da Vitória
Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial – Rio de Janeiro-RJ*

Encerrava-se, assim, uma das mais brilhantes páginas de nossa História. Completava-se o memorável périplo de brasileiros em terras do Velho Continente. Perderam a vida, em combate, 451 militares; 1.577 foram feridos, 1.145 acidentados, 58 extraviados e 35 feitos prisioneiros, em 239 dias de empenho diuturno.

Também, as merecidas loas aos bravos companheiros da Marinha de Guerra, no patrulhamento de nosso litoral e na proteção aos comboios navais, e à novel Força Aérea Brasileira, que tantas glórias colheu na Itália, com o Grupo "Senta a Pua".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A FEB não foi uma simples expedição. A FEB não foi uma presença simbólica na guerra contra o nazi-fascismo. Àqueles que a detratam, depreciando o seu desempenho, precisariam entender o que nos ensinou o saudoso febiano General **Meira Mattos**, em seus competentes trabalhos sobre a 1ª DIE. Dizia o General, que só poderíamos aferir, com justeza, o que foi o desempenho de nossa Divisão de Infantaria se o comparássemos, singularmente, com o de uma outra Divisão estrangeira, dentre tantas que atuaram no Teatro de Operações italiano e em várias regiões da Europa. E concluía, aquele Chefe Militar, com base em estudos técnicos, que, sem qualquer favor, a Divisão brasileira ombreou-se, airoso, com as melhores Divisões aliadas.

A FEB nos deixou inúmeros e mui valiosos ensinamentos, talvez o mais superlativo, o da confiança do homem brasileiro em suas próprias potencialidades, apesar de tão carente e desassistido, como ficou evidenciado na fase de sua mobilização para a guerra. Os novos métodos e técnicas de combate foram bem assimilados pelo Exército, porém poderiam ser melhor absorvidos, não fora a extemporânea desmobilização da tropa, por motivos meramente políticos. A modernização das Forças Armadas, desaparelhadas como estavam, repetindo situação análoga à do início da Guerra do Paraguai, tornou-se uma necessidade premente, com vistas à defesa do território, tão vulnerável a uma invasão, principalmente no estratégico saliente nordestino.

A participação brasileira na II GM trouxe-nos, como fatos relevantes, a restauração da democracia no País e uma significativa projeção brasileira no concerto internacional.

Todavia, desafortunadamente, o Brasil não foi aquinhado com o ressarcimento de suas perdas materiais, como avençado nos Acordos de Ialta e Potsdam. Sem contar os tremendos prejuízos sofridos pela Marinha Mercante, além do pagamento de quase 2 bilhões de marcos, pela compra (antes do conflito) de material bélico não entregue pela Alemanha, gastamos com os encargos de guerra, 361 milhões de dólares, cuja última prestação foi saldada em 1954. Entretanto, o nosso País não recebeu as indenizações que lhe eram devidas, pois foi excluído, injusta

e injustificadamente, da "Conferência de Reparação de Guerra", de Paris. Destarte, mesmo sendo um dos países vencedores, o Brasil foi, economicamente, bem menos beneficiado do que os vencidos, eis que o "Plano Marshall" os contemplou de forma magnânima.

CONCLUSÃO

A FEB regressou coberta de glórias. Aos que verteram o seu generoso sangue pela honra da Pátria, o nosso preito de eterna gratidão, na relembração das palavras do Marechal Mascarenhas de Moraes: "Regressamos com feridas ainda sangrando dos últimos encontros, mas nunca, pela nossa atuação, prestígio e nome do Brasil periclitaram ou foram comprometidos".

A Força Expedicionária trouxe mudanças profundas para o Brasil, em todas as expressões do Poder Nacional. De seus quadros saíram um Presidente e um vice-Presidente da República (**Humberto de Alencar Castello Branco** e **Adalberto Pereira dos Santos**); um Presidente do Senado (**Paulo Torres**); quatro Governadores (**Cordeiro de Farias**, **Paulo Torres**, **Emílio Ribas** e **Luiz Mendes da Silva**); quatorze Ministros de Estado (**Zenóbio da Costa**, **Cordeiro de Farias**, **Amaury Kruehl**, **Segadas Vianna**, **Nelson de Melo**, **Moraes Ancora**, **Ademar de Queiroz**, **Lyra Tavares**, **Campos Paiva**, **Albuquerque Lima**, **Dale Coutinho**, **Hugo Abreu**, **Belfort Bethlem** e **Celso Furtado**), além de inúmeros e proeminentes militares, políticos, homens públicos, etc.

Ainda hoje, já passados 64 anos, não há quem não se emocione com a "Canção do Expedicionário", música de **Spartaco Rossi** e poesia do grande vate **Guilherme de Almeida**, uma belíssima miscelânea de versos e trechos de renomados autores nacionais e de modinhas da época...

Salve a Força Expedicionária Brasileira, orgulho do glorioso e invicto Exército de Caxias e de nosso amado Brasil! —

"Não me mandas contar estranha História. Mas mandas-me louvar dos meus a glória!"

Luiz de Camões, o poeta-soldado



*Recepção aos pracinhas no Rio de Janeiro, após o fim da II Guerra Mundial
Acervo da Associação Nacional dos Veteranos da FEB*



Produtos 100% Nacionais - Direto da Fábrica!!
55 15 3305-8547



Entregamos sem custo para todo o Brasil



LANÇAMENTO!

**Barreira Plástica
Empilhável
55cm**

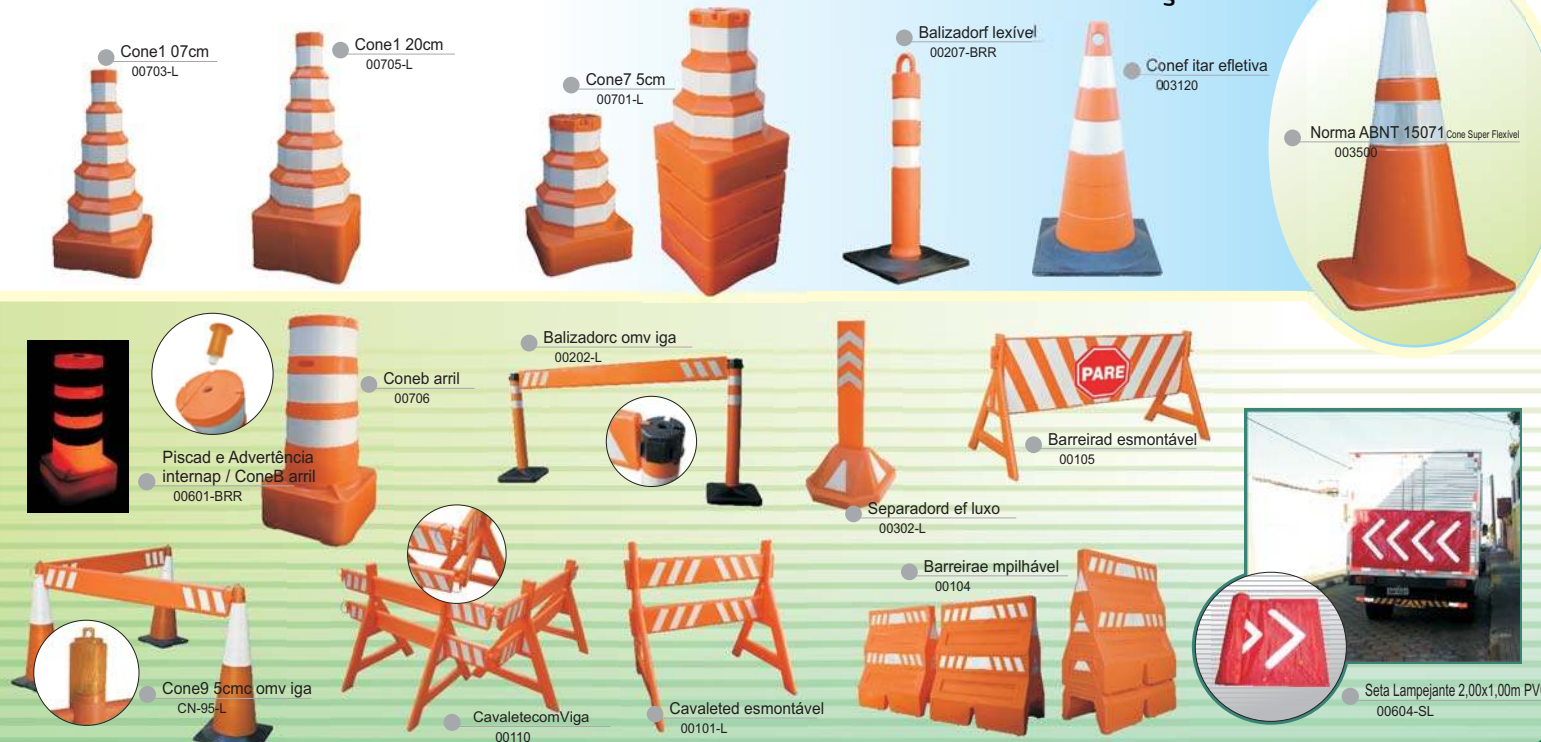


00106

Solicite Catálogo Completo



ESTAMOS APTOS A PARTICIPAR DE LICITAÇÕES!



Linha Completa de Produtos em Nosso Site: www.planetasinalizacao.com.br
 Via Municipal Benedito Faustino da Rosa, 2041 - Jd. Wanderlei - Tatuí-SP - CEP 18 277-430



Guarnição do obuseiro do II/1ºROAuR executando exercício de tiro no campo de Gericinó – preparação para a 2ª Guerra Mundial

O primeiro tiro da Artilharia Brasileira em solo italiano

Em 1942, o mundo vivia os horrores da 2ª Grande Guerra Mundial. O conflito estendia-se por toda a Europa, Ásia e Norte da África. Nosso País mantinha posição de neutralidade e expectativa. No entanto, o torpedeamento de navios brasileiros pelo submarino alemão U-507, que operava na costa brasileira, causou surpresa e indignação em todo País.

O Brasil rompeu relações com as forças do Eixo e iniciou sua preparação. Nesse contexto, foi criado, em 1943, o 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado (1º ROAuR), composto por dois grupos de obuses a três baterias de obuses 105mm cada.

O 2º Grupo de Obuses, chamado II/1º ROAuR, foi então formado com o pessoal e o material do 1º Grupo de Artilharia de Dorso, aquartelado no Forte Nossa Senhora do Campinho. Em seguida, foi incorporado à Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria do Exército da Força Expedicionária Brasileira.

O Grupo, com 510 homens e comandado pelo Coronel **Geraldo Da Camino**, embarcou em primeiro escalão no dia 1º de julho de 1944, sendo a primeira Unidade de Artilharia a cruzar o Atlântico.



Pracinhas brasileiros desembarcando na Itália

A tropa chegou à Itália, mais especificamente na baía de Nápoles, no dia 16 de julho, sendo, em seguida, deslocada para a região de Livorno, precisamente em Vada, onde foi incorporada ao V Exército Norte-Americano.

Nessa mesma região, a Unidade recebeu materiais novos, como material de comunicações, viaturas e obuseiros. Passou-se, assim, aos exercícios de reconhecimento, escolha e ocupação de posição e, por fim, ao treinamento do emprego conjugado do Grupamento Tático, composto pelo Grupo e pelo 6º Regimento de Infantaria, caracterizado como o último exercício antes de entrar em operação.

Em 12 de setembro, finalmente, o V Exército decidiu empregar o Escalão Avançado da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) em linha de frente, como força diretamente subordinada ao Comando do IV Corpo de Exército.

O Grupo estava em apoio direto ao Destacamento do qual faziam parte o 6º Regimento de Infantaria (6º RI), um pelotão de carros americanos e um pelotão de reconhecimento brasileiro, que tinham por missão ocupar ou conquistar a linha Massarosa - Bozzano - Marti - La Certosa - Via del Pretino - Santo Stefano.

Na noite de 15 para 16 de setembro de 1944, o Grupo iniciou deslocamento, em total escuridão, para ocupar posição nas encostas do Monte Bastione. Não realizou regulação de tiro para não denunciar a progressão do 6º RI, que estava substituindo as tropas norte-americanas. A Unidade aguardou em posição durante toda a madrugada.

O Comandante da 1ª Bateria de Obuses era o Capitão **Mário Lobato Valle**; o Comandante da Linha de Fogo, Tenente **Alceu Grisole** e o Chefe da 2ª Peça, peça diretriz, Sargento **Miguel Ferreira de Lima**. Durante toda a manhã do dia 16, a Bateria tensa e ansiosa aguardava os primeiros comandos de tiro.

Mesmo com muita dificuldade para determinar as posições do inimigo, o 2º Tenente **Ramiro Moutinho** enviou, de seu Posto de Observação em Torre Nerone, sua mensagem de tiro e, às 14 horas, a Central de Tiro encaminhou o comando de tiro à Linha de Fogo.



Soldados II/1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado preparando granadas explosivas do obuseiro 105 mm. Tal peça realizou o 1º tiro da Artilharia Brasileira fora do continente sul-americano.

Em momento cercado de grande emoção, às 14 horas e 22 minutos, o Cabo **Adão da Rosa**, cabo atirador da 2ª peça, lançou contra o inimigo nazista, nos contrafortes dos Montes Apeninos, o primeiro tiro da Artilharia brasileira disparado fora do continente sul-americano, atingindo com precisão o objetivo previsto, Massarosa.

O Grupo prosseguiu em combate até o final da guerra e participou ativamente das conquistas de Camaione, Monte Prano, Fornacci, Monte Castelo, Monte Belvedere, Gorgolesco, Abetaia, La Serra, Belvedere, Monte della Torracia, Montese, Vignola e Levizzano.

No total, foram cumpridas 2.995 missões de tiro e disparadas mais de 55.000 granadas. Muitos dos que partiram com a Unidade não retornaram ao solo pátrio, mas deram valiosa contribuição para o restabelecimento da paz mundial.

Como justa recompensa por sua destacada atuação em combate, o Grupo foi condecorado com a Medalha do Mérito Militar e a Medalha da Cruz de Combate de 1ª Classe.

HISTÓRICO DO 21º GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA

O 21º Grupo de Artilharia de Campanha, "Grupo Monte Bastione", é uma das mais tradicionais Organizações Militares do Exército. Tem suas raízes no Corpo de Artilharia do Rio de Janeiro, criado por carta Régia de D. **João V**, em 16 de abril de 1736, para guarnecer as fortalezas que defendiam a baía de Guanabara.

Seu primeiro comandante foi o Mestre de Campo português **André Ribeiro Coutinho**. Organizada para cumprir missões de costa, aprestou-se, deslocou-se por mar e terra, e participou da Campanha do Sul, entre 1752 e 1759, campanha expedicionária de demarcação física do Tratado de Madrid entre Portugal e Espanha, sendo esta a primeira de muitas jornadas de vitória e heroísmo.

O ano de 1765 assinalou a transformação do Corpo em Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro. Com esta

denominação o Grupo assistiu ao sacrifício de **Tiradentes**, em 1792, recebeu com salvas a Família Real em 1808, vivenciou a regência de D. **Pedro I** e viu florescer a Independência do Brasil.

Em 1824, mudou sua designação para 1º Corpo de Artilharia de Posição e testemunhou todo o Primeiro Império e o Período Regencial. Data dessa época a sua participação nos esforços para debelar a Revolução Farroupilha.

A partir de 1839, passou a denominar-se 1º Batalhão de Artilharia a Pé, cobrindo-se de glórias nos campos de batalha. Combateu vitorioso na Campanha contra **Oribe e Rosas**, no cerco a Montevideu e na Guerra da Tríplice Aliança.

Por envregar em suas fileiras alguns dos mais brilhantes líderes de nossa história militar, ficou conhecido como o "Batalhão de Notáveis". Foram seus integrantes o Marechal **Deodoro da Fonseca**, proclamador da República; o Marechal **Floriano Vieira Peixoto**, segundo Presidente da República; o Marechal **Hermes Rodrigues da Fonseca**, também Presidente da República; Marechal **Bittencourt**, patrono do Serviço de Intendência; o Marechal **Trompowsky**, patrono do Magistério Militar; e o Tenente-Coronel **Villagran Cabrita**, patrono da arma de Engenharia.

Foi transformado em 2º Regimento de Artilharia a Cavalo, nos idos de 1876. Nessa fase, coube ao Grupo, em 1886, recepcionar com uma salva de dezessete tiros a passagem do carro fúnebre do Marechal **Mallet**, Patrono da Artilharia, na praia de Botafogo. Foi seu ilustre soldado, também, o Marechal **Rondon**, Patrono da Arma de Comunicações e o primeiro brasileiro a concorrer ao prêmio Nobel da Paz.

Mudou sua denominação para 2º Regimento de Artilharia de Campanha, em 08 de agosto de 1888, e teve atuação marcante nos episódios que culminaram com a Proclamação da República.

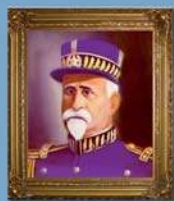
Com a reorganização do Exército em 1908, foi transformado no 1º Regimento de Artilharia Montada, mas, logo em seguida, ocupando as instalações do Forte de Nossa Senhora do Campinho, adotou a denominação de 20º Grupo



*Apronto operacional do 1º Grupo de Obuses (pátio interno do 21º GAC – São Cristóvão/1940).
Acervo do Museu Marechal Cordeiro de Farias – 21º GAC*



Personalidades ilustres que serviram no 21º GAC



Trompowsky

(1853-1926) - Roberto Trompowsky Leitão de Almeida (Patrono do Magistério do Exército). Assentou praça no 1º Batalhão de Artilharia a Pé com destino à Escola Militar.



Deodoro da Fonseca

(1827-1892) - Manuel Deodoro da Fonseca (Presidente da República). Foi o Comandante do 1º Batalhão de Artilharia a Pé, em 1869, durante o retorno da Guerra do Paraguai.



Rondon

(1865-1958) - Cândido Mariano da Silva Rondon (Patrono das Comunicações). Prestou seus serviços ainda como soldado no 2º Regimento de Artilharia a Cavalos.



Carlos Bittencourt

(1840-1897) - Marechal Carlos Machado Bittencourt (Patrono da Intendência). Prestou serviços no 1º Batalhão de Artilharia a Pé, como 2º Tenente, no período de dezembro de 1860 a setembro de 1861.



Hermes da Fonseca

(1855-1923) - Hermes Rodrigues da Fonseca (Presidente da República). Aos dezoito anos incorporou como soldado voluntário no 1º Batalhão de Artilharia a Pé.



Salomão da Rocha

(Falecido em 1897) - Capitão Salomão da Rocha. Comandou a 4ª Bateria do 2º Regimento de Artilharia de Campanha, heroicamente sacrificada em combate no interior do sertão nordestino, no episódio conhecido como Campanha de Canudos.



Floriano Peixoto

(1839-1895) - Floriano Vieira Peixoto (Presidente da República). Incorporou como soldado voluntário no 1º Batalhão de Artilharia a Pé e retornou como Tenente, em 1865, pronto para participar da campanha contra Solano Lopez.



Villagran Cabrita

(1839-1865) - João Carlos de Villagran Cabrita (Patrono da Engenharia). Serviu no 1º Batalhão de Artilharia a Pé, ainda como 2º Tenente, no ano de 1843, até sua promoção a 1º Tenente.

de Artilharia de Montanha. Com essa configuração abriu fogo para sufocar a Revolta da Armada em 1910.

Em 1922, já como 1º Grupo de Artilharia de Montanha, ocupou posição no Túnel Novo com a 2ª Bateria e dali lançou seus fogos para apoiar as ações contra os revoltosos do Forte de Copacabana. Participou também dos combates que debelaram as Revoluções de 30 e 32, cooperando para o restabelecimento da ordem interna.

Ainda em Campinho, em 1933, transformou-se no 1º Grupo de Artilharia de Dorso, feito que permaneceu até 1943, durante a 2ª Guerra Mundial.

Após o Brasil aliar-se contra as forças do Eixo e durante a sua preparação para o combate, foi criado o 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado. O 2º Grupo de Obuses, chamado II/1º ROAuR, instalou-se no Quartel do 1º Grupo de Artilharia de Dorso em Campinho, absorvendo por transferência o pessoal e o material. Foi com esta organização que o Grupo participou dos combates nos campos da Itália.

Em 1946, transformou-se no 1º Regimento de Obuses 105 Auto-Rebocado. Esse nome permaneceu até 1972,

quando passou a chamar-se 21º Grupo de Artilharia de Campanha. No ano de 1977, ocupou as instalações de São Cristóvão, materializando mais uma vertente de sua linha do tempo.

No ano de 1978, o Grupo recebeu a denominação histórica de "Grupo Monte Bastione", justa recompensa por seus feitos heroicos em sua última participação em uma guerra.

Em 1987, voltou a fazer parte da Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Exército, "Artilharia Divisionária Cordeiro de Farias", seu atual comando enquadrante.

No ano de 2006, transferiu-se para Niterói, onde permanece até hoje. Nessa mudança, ao ocupar a morada do extinto 8º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado, a Unidade promoveu um reencontro com suas origens, ocupando instalações que, no início do século XVIII, acomodavam parcela do então Corpo de Artilharia do Rio de Janeiro.

Mais recentemente, já em 2007, o Grupo recebeu o material 155 mm, tornando-se mais apto a cumprir sua missão de aprofundar o apoio de fogo de Artilharia como Grupo Divisionário.

No dia 16 de abril deste ano, o “Grupo Monte Bastione” completou duzentos e setenta e três anos de uma rica história de glória e bravura.

21º GAC: SEMPRE ATUALIZADO

A Portaria nº 093-EME, de 20 de julho de 2005, designou o 21º Grupo de Artilharia de Campanha – “Grupo Monte Bastione” – para ocupar as atuais instalações, localizadas no bairro de Jurujuba, Niterói (RJ). Sua área é de aproximadamente 2.156.000 metros quadrados, com uma faixa litorânea de seis quilômetros.

A Unidade é constituída por cinco subunidades: Bateria de Comando; 1ª e 2ª Baterias de Obuses; e a Divisão de Segurança e Manutenção, responsável pela manutenção, conservação e segurança do sítio histórico dos Fortes Barão do Rio Branco, São Luiz, Pico e Imbuí, além de fornecer pessoal para os Hotéis de Trânsito do Imbuí. A quinta subunidade, a 3ª Bateria, fica localizada em São Gonçalo (RJ), nas instalações do 3º Batalhão de Infantaria, extinto em março de 2007.

Como Organização Militar integrante da Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Exército – Artilharia Divisionária Cordeiro de Farias (AD/I), – tem como missões apoiar a Divisão pelo fogo e aprofundar o combate atirando sobre os alvos situados além do alcance da artilharia das Brigadas; manter a Garantia da Lei e da Ordem; e, de forma complementar, cumprir missões subsidiárias como capacitar e valorizar os recursos humanos e preservar as tradições, a memória, os valores morais, culturais e históricos da Força.

No último ano, o Grupo participou de várias atividades operacionais, dentre elas: Operação Mombuca (Resende-RJ), com a finalidade de realizar os módulos didáticos de adestramento e de contribuir para o adestramento avançado, particularmente nas operações ofensivas; Operação Rondon (Juiz de Fora-MG), exercício de qualificação e adestramento do Grupo, particularmente em operações defensivas; Operação Poraquê (Manaus-AM), realizando o estudo sobre a mobilização da AD/I na possibilidade de emprego na Amazônia; e Operação Guanabara (Rio de Janeiro-RJ), realizada em duas fases, atuando na garantia das diversas fases do pleito eleitoral.

Além das atividades operacionais, o 21º GAC realiza também atividades de cunho social que visam à integração da Organização Militar com o público externo, tais como: exposição de materiais, ações cívico-sociais, palestras escolares difundindo formas de ingressos na Força e atuações do Exército Brasileiro; e a tradicional “Caminhada Ecológica”, realizada entre os Fortes Barão do Rio Branco, São Luiz, Pico e Fortaleza de Santa Cruz da Barra, com o intuito de estimular a preservação do meio ambiente. Além disso, tem por objetivo manter o referencial cultural para o povo brasileiro e enaltecer as mais caras noções de patriotismo, civismo e cidadania. Esta atividade tem reunido, nos últimos anos, entre cinco e oito mil participantes.

Tem como eventos mais significativos, além da comemoração de seu aniversário, a cerimônia de Realização do 1º Tiro de Artilharia, com reprodução simulada daquele momento histórico, e a homenagem aos naufragos dos navios Itagiba e Baependi, cujos integrantes foram mobilizados e aquartelados em São Cristóvão, antiga sede da OM.

Complementarmente, a OM mantém a vocação turística herdada do 8º GACosM, recebendo milhares de banhistas em suas praias nos finais de semana e feriados, bem como conduzindo visitas aos quatro fortes históricos situados em sua área.

Administra, também, dois hotéis de trânsito na praia do Imbuí, sendo um para oficiais e outro para sargentos, os quais, pela excelência das acomodações e do atendimento, têm atraído um grande fluxo de hóspedes durante todo o ano.

Dessa forma, a Unidade tem procurado cumprir sua missão com o firme propósito de honrar, no presente, as mais valiosas tradições de seu glorioso passado. —



Operação Guanabara – Comunidade de Pilar, município de Duque de Caxias-RJ

Foto: Ten Genisson/21º GAC



Caminhada Ecológica

Foto: Sgt Hélio/21º GAC

Frei Orlando

“Passei pela vida sorrindo, embora tivesse muitos motivos para chorar.”

Frei Orlando

Antônio Álvares da Silva nasceu em 13 de fevereiro de 1913, em um pequeno povoado do interior de Minas Gerais, à margem direita do rio São Francisco, chamado Morada Nova.

Órfão desde cedo, foi criado por uma família religiosa e, após sua primeira comunhão, encontrou na igreja a sua vocação. Assim ordenou-se sacerdote não mais como Antônio, e sim como Frei **Orlando**.

Em São João del Rei, instituiu a “sopa dos pobres”, um trabalho social que recebeu o apoio de muitos integrantes do 11º Regimento de Infantaria – Regimento Tiradentes (11º RI), atual 11º Batalhão de Infantaria de Montanha. Com o eclidir da 2ª Guerra Mundial, a “cobra fumou” e Frei **Orlando** presenciou a preparação brasileira para a participação na campanha da Itália. Quando o Comandante do 11º RI, já acantonado no Rio de Janeiro, enviou despacho telegráfico ao Comissariado dos Franciscanos em São João del Rei, solicitando a indicação de um religioso para capelão militar, Frei **Orlando** apresentou-se como voluntário para integrar a Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Chegando à Itália, rezou a primeira missa na catedral de Pisa. Capitão-capelão do II Batalhão do XI Regimento de Infantaria da Força Expedicionária Brasileira prestou inúmeros e valiosos serviços às tropas brasileiras, sendo conhecido pelas palavras de apoio e coragem aos combatentes.

Tempos depois, às vésperas da Tomada de Monte Castelo, durante uma visita à 6ª Companhia, na linha de frente, Frei **Orlando** morreu, vitimado por um tiro acidental de um *partisan* (membro da resistência italiana ao nazifascismo). Eram, aproximadamente, 14 horas do dia 20 de fevereiro de 1945... Tinha 32 anos.

O boletim nº 52, do 11º RI, de 22 de fevereiro de 1945, impresso em Docce, na Itália, registrou o passamento do capelão:

“Foi recebida, com dolorosa surpresa, a notícia do falecimento do Capelão-capitão **Antônio Álvares da Silva** (Frei **Orlando**), vítima de um tiro, quando se dirigia de Docce para Bombiana, a fim de levar sua assistência espiritual aos homens em posição, no dia 20, quando do ataque ao Monte Castelo.



Frei Orlando

O sacerdote, que desapareceu da face da Terra após ter servido com a sua pureza de sentimento à religião e à Pátria, deixa imensa saudade no seio da organização católica a que pertencia. (...) No 11º Regimento de Infantaria, como chefe da Capelania, conquistou a todos pelas qualidades apostolares. (...) No Teatro de Operações, nos dias de maiores atividades bélicas, jamais deixou de levar o seu conforto espiritual ou o santo sacrifício da missa em qualquer circunstância, mostrando-se, além de religioso, um forte, um bravo, um verdadeiro soldado da Cruz de Cristo.”

Foi sepultado em 21 de fevereiro de 1945, às 15 horas, no Cemitério Brasileiro de Pistoia (Itália). Em homenagem aos seus gloriosos feitos, seus restos mortais foram transladados para o Monumento Nacional aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, na cidade do Rio de Janeiro, em 05 de outubro de 1960.

AS MARGARIDAS...

Quando Frei **Orlando** se ordenou Padre em Divinópolis, recebeu um presente de suas irmãs, que moravam em Belo Horizonte: cinco margaridas colhidas no jardim de sua casa. Cada margarida simbolizava uma irmã e serviria para enfeitar a cela dele e amenizar a saudade da família, já que mulheres não poderiam o visitar.

Antes da partida para a Itália, Frei **Orlando** entregou uma caixa a uma grande amiga, **Judite**, com a recomendação de que nunca a abrisse. Se ele retornasse

da Guerra, a caixa voltaria às suas mãos; caso contrário, Judite deveria entregar a caixa às irmãs de Frei **Orlando**. Com a notícia do falecimento do Frei, **Judite** levou a caixa às irmãs. Quando foi aberta, a caixa revelou uma carta de despedida e as cinco margaridas, tão cuidadosamente guardadas durante muito tempo.

O SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA DO EXÉRCITO

A presença de religiosos junto às tropas, durante as guerras, remonta ao período imperial. Porém, no período republicano, este serviço foi afastado da vida castrense. Décadas depois, durante a 2ª Guerra Mundial, foi restabelecido o serviço de amparo espiritual à tropa. Finda a guerra, em justa homenagem, o governo brasileiro instituiu Frei **Orlando** como patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREx), criado, em caráter permanente, por decreto-lei, no ano de 1946.

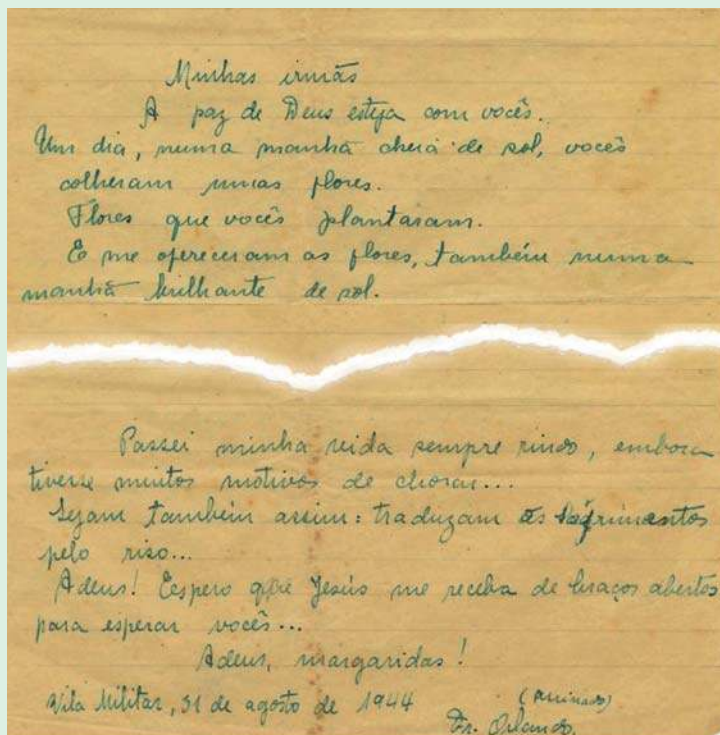
PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO

Frei **Orlando**, que sempre viveu de forma heroica as virtudes cristãs, teve seu nome indicado à beatificação. Por isso, neste ano, o dia do SAREx – 13 de fevereiro – foi duplamente comemorado, já que marcou a clausura da fase diocesana do processo de beatificação. Para celebrar a data, o Comando Militar do Leste realizou uma missa na cidade de São João del Rei, prestigiada pela família do Frei.

Durante a cerimônia, foi lida a ata de beatificação de Frei **Orlando**, a qual foi assinada por autoridades civis, eclesiásticas, militares e pelos familiares do Frei, sendo colocada em uma urna e enviada ao Vaticano. Na oportunidade, foi realizada a primeira leitura da Oração pela Beatificação do Frei **Orlando**.

No Rio de Janeiro, a missa em ação de graças à elevação do Frei **Orlando** à condição de Servo de Deus, o primeiro passo para a beatificação, foi celebrada pelo Cardeal do Rio de Janeiro, no Santuário Militar do Bom Jesus.

Para obter informação sobre o andamento do processo de canonização do Frei, acesse a página eletrônica do Comando Militar do Leste: www.cml.eb.mil.br.



Trechos da carta deixada com a amiga Judite para ser entregue às suas irmãs ("Margaridas"), caso ele não retornasse da guerra



Missa em São João del Rei com a presença de familiares



Missa no Santuário Militar do Bom Jesus no Rio de Janeiro.



Missa em São João del Rei
Assinatura da Ata de Beatificação de Frei Orlando

No Rastro dos Heróis

Uma homenagem aos 140 anos da Dezembrada

Por Marden Maluf - Maestro

...Últimos dias de setembro de 1868. Caxias, com o seu Exército, completa uma marcha de 200 km em território inimigo, realizada em 36 dias debaixo de tempestades e por terrenos alagados e desconhecidos. O Grande General para... e observa. Um obstáculo ainda maior do que a vencida fortaleza de Humaitá surge agora à frente e com feições de inexpugnável. Descortinam-se, terríveis e desafiadoras, as instalações defensivas de Pequiciri e as baterias da fortaleza de Angustura. São nove quilômetros de frente fortificada, ainda defendida pelas águas represadas da Lagoa Ipoã e estagnadas em lodaçais intransponíveis.

O Velho Soldado tem que optar: à direita, o lençol d'água com perigos imprevisíveis e os canhões da fortaleza; permanecer ali, sem ação, seria o trágico e vergonhoso fim. Porém... À esquerda... O vislumbre genial de uma possibilidade surgida do que era tido como humanamente impraticável: a Travessia do Chaco; o pântano imenso e indescritível, pavoroso, amedrontador, a lama junto com a mata escura e desconhecida, a aventura movida pelo sofrimento e pelo estoicismo.

E é justamente por aí que o Comandante se decide: pelo flanco esquerdo! E resolve mandar construir o impensável: uma estrada em pleno Chaco para escoar todo o seu Exército!

Mas o Chaco é o horror dos horrores. A natureza ali parou, despindo-se de todas as suas galas e dos seus femininos encantos. A terra descarnada, a terra morta. Não se vê a alegria da cor, nem se ouve a música dos pássaros... Silêncio de pântano abandonado... Tristeza de cemitério de lodo. A terra agoniza, o Chaco apodrece. O Inferno da estagnação, o suplício sem alegorias... E a malária, feroz e incessante, junto a toda espécie de animais peçonhentos.

O calor é insuportável. O ar que se respirava parecia que vinha de uma fornalha. E a lama... A lama por toda a parte, sumindo nos horizontes sombrios, pútrida e traícoeira, um sem-fim de brejões engolidores por onde homens e animais afundam lenta e desesperadamente até desaparecerem.

É sobre esse imenso e terrível pântano que tem que ser construída uma estrada! É essa garganta do inferno que tem de ser atravessada pela espada de Caxias! A invencível Espada do Império, brandida em tantas batalhas que mantiveram



Quadro “Desbordaremos pelo Chaco!” do Coronel R/I Estigarríbia Salão Guararapes – Quartel-General do Exército (Brasília-DF)

Caxias decide manobrar pelo chaco, onde determinou a construção de uma estrada, com mais de 10 km por onde encetou a memorável marcha, na direção do Arroio Itororó, para o combate e para a glória.

íntegra a Nação Brasileira. Invencível porque, antes de tudo, sempre derrotou primeiramente em si a descrença, o desânimo e a desesperança.

A construção da Estrada do Chaco é um martírio que não tem fim ao qual se opõe, como única e última arma, uma sobre-humana perseverança.

Vence o heroísmo! A construção incessante, na qual cada hora é mais penosa do que toda uma existência, dura apenas 23 dias! Logo após a passagem da tropa – apenas um dia depois! – o rio enche e as águas fazem submergir a estrada.

Mais um dia e anos de martírios e sacrifícios teriam sido inúteis! A subida da montanha tem a sua etapa mais difícil, perigosa e urgente, justamente quando se aproxima do cume.

A Estrada do Chaco é a Marcha do Mestre! A superação de todas as fraquezas para – e somente depois disso – ter-se então o direito às batalhas definitivas! A guerra pessoal perante a vida concede oportunidades de demonstrar a bravura que gerará os ansiados reconhecimentos posteriores. Mas estipula prazos inexoráveis. A silenciosa e paciente voz que nos rege, em algum instante, dirá: “É agora ou nunca!” É o prazo histórico! A necessidade da ação! O lutar contra a inércia que se autoalimenta! O reanimar dos apáticos e desesperançados batalhões internos.

A cada um de nós urge a clara e definitiva consciência de saber-se em marcha pelas vastas, hostis e desconhecidas circunstâncias pessoais, em campanha nas planícies distantes e solitárias escondidas no silêncio de cada um. É a luta pessoal, contínua e inadiável, contra os exércitos internos de um inimigo mortal, comandante dos nossos desânimos, desconhecedor de misericórdias, covarde e astucioso, que avança a cada desistência nossa.

A ação heroica reside justamente na decisão corajosa em vislumbrar, decidir e caminhar, uma estreita e mínima possibilidade sobre os amplos e armados territórios pantanosos do impossível. E avançar sempre!... Apesar de tudo. Desistir é um verbo de conjugação inexistente nas gramáticas dos verdadeiros heróis. —

O valor da preservação do Parque dos Manguezais em Recife



Artigo do Sargento Guilherme é vencedor do “Prêmio Valores do Brasil/2008”

Artigo científico do Segundo-Sargento **Guilherme Nunes Martins**, do 5º Centro de Telemática de Área (5º CTA), intitulado: “O valor da preservação do Parque dos Manguezais em Recife-PE: uma utilização do método de opções reais”, em coautoria com a professora da Universidade Federal de Pernambuco **Andrea Sales Soares de Azevedo Melo** foi vencedor, em nível nacional, na temática meio ambiente, do “Prêmio Valores do Brasil/2008”. Esse prêmio foi instituído pelo Banco do Brasil, em comemoração aos 200 anos da sua criação e a cerimônia de premiação ocorreu no Teatro Nacional de Brasília.

O “Prêmio Valores do Brasil” tem por objetivo reconhecer, premiar, estimular e difundir iniciativas de relevante valor social e/ou científico no âmbito do desenvolvimento do País, em seus diversos aspectos. Em 2008, na 1ª edição do prêmio, que será bienal, o Banco do Brasil tratou a temática geral “Desenvolvimento Sustentável”, a fim de promover a cultura da sustentabilidade e responsabilidade sócio-ambiental, em todos os segmentos da sociedade.

Assim sendo, o reconhecimento conferido ao militar do Exército Brasileiro, confirma a importância que a Instituição credita nos valores do capital humano. Dessa forma, esse trabalho constitui não só a contribuição para o desenvolvimento de uma sociedade com consciência ambiental, como também a projeção positiva da capacidade da nossa força de trabalho.

O valor da preservação do Parque dos Manguezais em Recife: uma utilização do método de opções reais *

Guilherme Nunes Martins
Andrea Sales Soares de Azevedo Melo

O principal foco da literatura sobre valoração econômica ambiental tem sido estabelecer as bases econômicas que propiciem a tomada de decisão no âmbito da gestão ambiental, quanto ao uso ou preservação de um determinado recurso natural. Ou seja, atribuir valor a um

ativo ambiental a fim de que ele possa se tornar comparável monetariamente, permitindo ao decisor medir o tamanho do impacto que uma ação causará ao meio ambiente. Esta é a forma usual para inserir o meio ambiente de maneira mais realista às estratégias de desenvolvimento econômico.

Neste contexto, há duas etapas que claramente definem a utilização de instrumentos distintos: na primeira, identificam-se os métodos para obtenção do valor monetário do recurso ambiental; e, na segunda, identificam-se os métodos que atualizam este valor que representa o fluxo de benefícios proporcionado pelo ativo ambiental, geralmente *ad eternum*. Tanto na primeira quanto na segunda etapa as particularidades do recurso ambiental ditam os instrumentos a serem utilizados.

Este artigo se insere no âmbito dos trabalhos que se desenvolvem na segunda etapa da valoração, com a proposição da utilização da Teoria das Opções Reais (TOR) para avaliar alternativas para o Parque dos Manguezais, em Recife-PE, maior área urbana de mangue do mundo.

O valor ambiental que esta pesquisa buscou projetar foi o valor previamente estimado para o fluxo anual de benefícios advindos de uma área de mangue urbano da cidade do Recife-PE, o Parque dos Manguezais, que evolui estocasticamente conforme o movimento geométrico.



Sargento Guilherme com o troféu do “Prêmio Valores do Brasil”

É importante frisar que o Parque dos Manguezais representa um dos últimos resquícios de mangue bem preservado da cidade do Recife que cresceu, desde os seus primórdios, sobre o aterramento destas áreas. Estes aterramentos aconteceram principalmente a partir da invasão holandesa (em 1630), continuando até os dias atuais. Remanescem apenas estreitas áreas deste ecossistema, as quais, na maioria das vezes, sofrem ameaças de deterioração pelo depósito de lixo, pela favelização espontânea e pela especulação imobiliária. Entretanto, a “grande vilã” e motivadora da realização desta pesquisa foi a proposta da Prefeitura da Cidade do Recife (PCR) de construir uma rodovia para desafogar o trânsito entre as zonas norte e sul.

A proposta inicial de intervenção da PCR, lançada em fevereiro de 2004, previa a construção de uma via (Via Mangue) que comprometeria 4,4 hectares do parque e seria construída de forma suspensa. Entretanto, a fim de reduzir os custos, foi apresentada uma nova proposta (outubro de 2006) que previa a utilização de 25,4 hectares do parque caracterizada por aterramento de áreas de mangue. Como o parque tem uma grande importância ambiental, buscou-se identificar uma razão econômico-científica que justificasse sua preservação ou a construção da rodovia de forma suspensa, com menor área de aterramento com tecnologia poupadora de manguezal, causando menor dano ambiental.

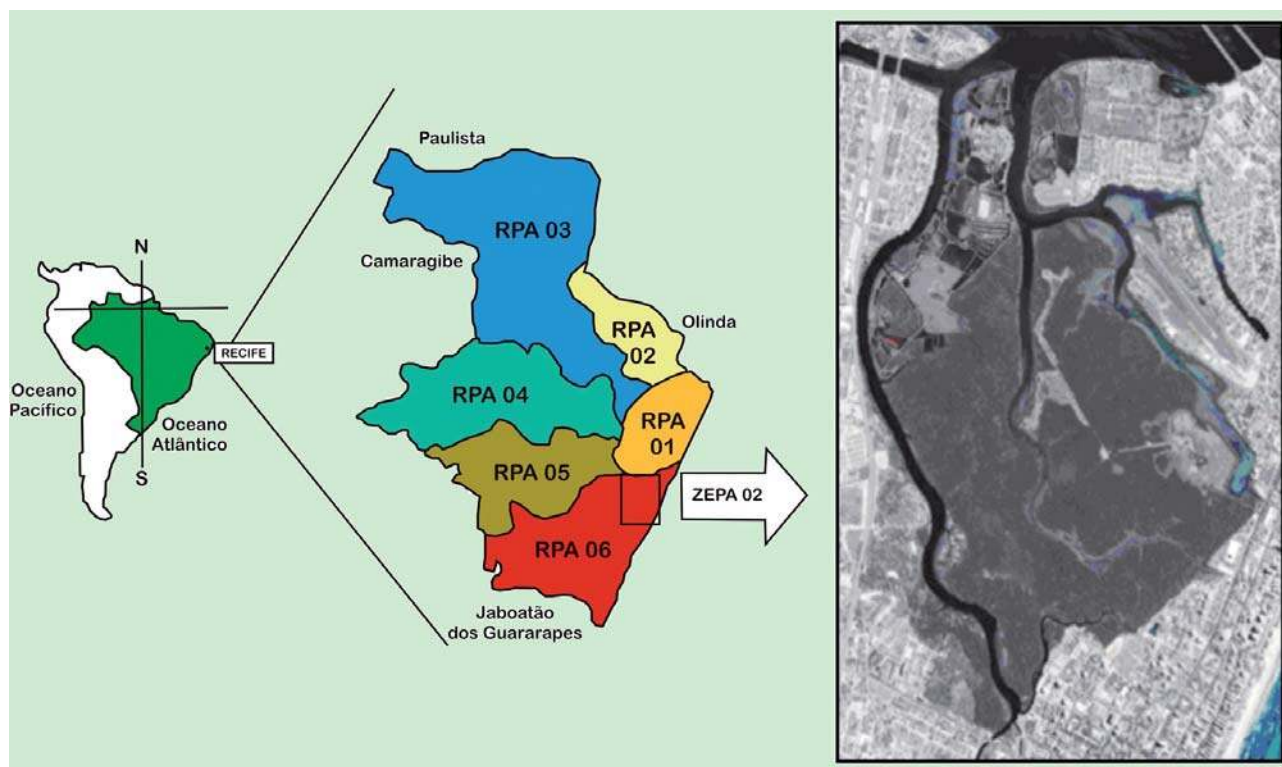
O PARQUE DOS MANGUEZAIS

Localizado na porção sul da cidade do Recife, entre os bairros de Boa Viagem e do Pina, numa área conhecida como antiga “Estação Rádio Pina”, o parque possui uma área total de 307,83 hectares com aspecto essencialmente aquático, com manguezais e ilhas envolvidas por braços dos rios Jordão e Pina, com influência de outros dois rios, Tejiú e Capibaribe.

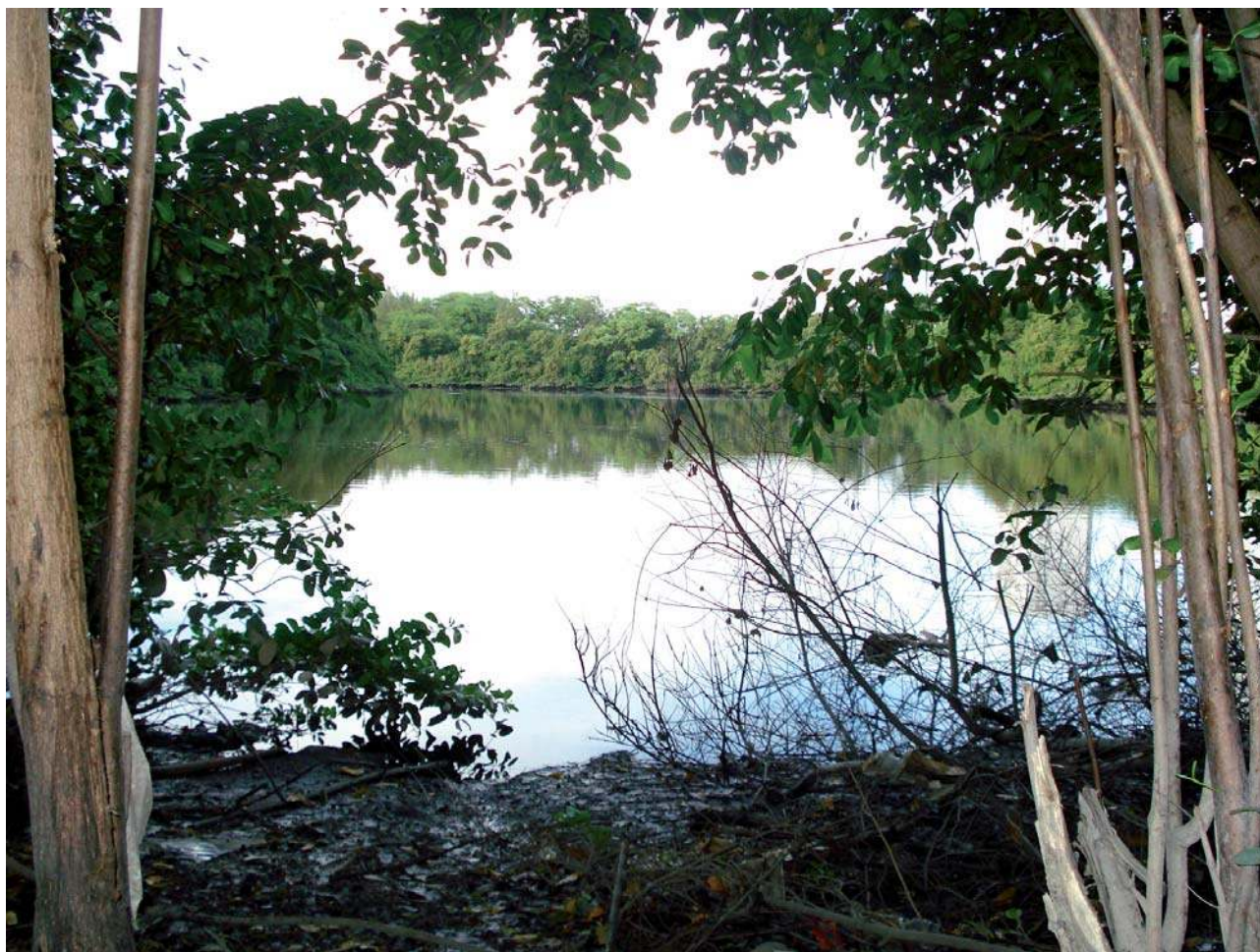
A Figura abaixo mostra a situação da geografia desta área de mangue. Como é possível observar, o Parque está espremido numa área bastante edificada, próxima à beira mar (praia), localização bem valorizada da cidade, situação que faz aumentar a pressão do setor imobiliário.

A área do Parque dos Manguezais encontra-se intacta devido ao fato de ter sido, na década de 1940, durante a 2ª Guerra Mundial, o local escolhido pelos americanos para implantar uma Estação Rádio, que posteriormente passou ao controle da Marinha do Brasil. A partir de então, a Armada brasileira manteve a Estação Rádio Pina com a finalidade de executar e dirigir serviços especiais de comunicações para a Força até os anos 1990, quando então desativou a Organização Militar. Entretanto, até hoje a Marinha continua protegendo o local de potenciais invasões e ocupações.

A PCR estima em 10 mil a quantidade de pessoas que ocupa o entorno do parque, número que cresce em detrimento do mangue que está sendo aterrado para dar



Parque dos Manguezais – Recife-PE



Parque dos Manguezais – Recife-PE

lugar aos novos barracos, comprometendo os limites do ecossistema.

O MANGUE QUE VALE A PENA SER PRESERVADO

Para a decisão de uso parcial do Parque dos Manguezais, levando em conta a construção da Via Mangue, além dos custos da obra, foram considerados os custos ambientais.

Por tudo isso, a pesquisa procurou mostrar a importância da flexibilidade gerencial no processo de tomada de decisão envolvendo ativos ambientais. Ela partiu da importância da valoração econômica dos ativos ambientais porque esta é a atividade inicial no processo de avaliação. Um erro na avaliação significaria análises equivocadas e danos irreversíveis.

A escolha de uma metodologia nova para avaliação deveu-se ao fato da análise tradicional não considerar parcelas importantes de um investimento.

O ativo ambiental avaliado, o Parque dos Manguezais, em Recife-PE, representa uma das últimas áreas de mangue da região, sendo assim, importante a gestão. A decisão de

construção da Via Mangue foi considerada irreversível, já que produziria benefícios para sociedade, assim como a preservação total do parque renderia benefícios eternos.

Foi mostrado que os valores obtidos por opções reais são superiores aos obtidos pelo método tradicional e, mais do que isso, são suficientes para garantir a preservação da área de mangue. E na imposição da construção da “Via Mangue”, a melhor opção é a da forma suspensa.

Do ponto de vista social, considera-se que os resultados apontados por esta pesquisa revelam à sociedade pernambucana a noção exata do valor monetário da opção de preservação do Parque dos Manguezais. Já pelo ponto de vista da economia do meio ambiente, trouxe contribuição porque mostrou aplicabilidade das opções reais como instrumento de avaliação. ➡

*O artigo, na íntegra, está publicado em <http://www.anpec.org.br/encontro2007/artigos/A07A146.pdf>

4º B Av Ex participa de missão humanitária da Cruz Vermelha Internacional



A equipe após o cumprimento da missão

Em 30 de janeiro último, o 4º Batalhão de Aviação do Exército (4º B Av Ex), Organização Militar diretamente subordinada ao Comando Militar da Amazônia (CMA), decolou de Manaus com destino à Colômbia, a fim de executar o apoio logístico de transporte. Esta operação esteve no contexto das ações da missão humanitária, coordenada pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), para a libertação de cidadãos colombianos, mantidos como reféns das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

Na operação, foram empregados dois helicópteros do 4º B Av Ex, modelo “COUGAR”. Além dos pilotos, integraram a tripulação mecânicos de voo, técnicos em comunicações, especialistas em oxigênio e técnicos em manutenção.

A decisão de empregar helicópteros “COUGAR” foi tomada pelo Ministério da Defesa por não serem aeronaves comumente empregadas naquela “zona de ação”, visto que não são adotadas pelas Forças Armadas da Colômbia, e por serem facilmente identificáveis.

Além da questão do material a ser empregado, a participação da Unidade ficou evidenciada em face da reconhecida experiência que tem em operações no ambiente amazônico. Entretanto, foi executado um intenso programa de treinamento específico para a operação, especialmente em relação ao maior desafio visualizado, em termos técnicos, quando do recebimento da missão: o voo a grande altitude sobre a Cordilheira dos Andes.

Para atender às demandas dessa missão, foi realizada uma preparação específica do pessoal quanto à utilização de oxigênio suplementar, caso fosse necessário, o que incitou a presença de especialista em oxigênio nas aeronaves durante a missão.

Após decolarem de Manaus e antes de seguirem para o território da Colômbia, os helicópteros fizeram escala nos municípios de Tefé (AM) e de São Gabriel da Cachoeira (AM), onde embarcaram integrantes do Comitê Internacional da Cruz Vermelha e uma senadora colombiana. No itinerário, foi realizado um pouso técnico para abastecimento, no 2º Pelotão Especial de Fronteira, em Querari (AM), na divisa com a Colômbia.

Durante a missão, coube ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha transmitir as informações aos órgãos de imprensa, assim, tanto o CMA quanto o 4º B Av Ex mantiveram total discrição em relação às ações em curso.

Segundo o comandante do 4º B Av Ex, que estava à frente da missão, as informações repassadas aos militares pelo CICV eram suficientes apenas para calcular a autonomia de voo da aeronave.

Os resgates foram realizados nas cidades de Florência, Villavicencio e Cali, e os locais de pouso das aeronaves encontravam-se em regiões isoladas da selva colombiana.

No curso da operação, os militares brasileiros não tiveram contato algum com os guerrilheiros colombianos. Assim, as ações desenvolveram-se de forma que os negociadores do CICV desciam da aeronave, saíam da vista dos militares, negociavam e retornavam com os reféns.

A missão humanitária foi concluída na manhã do dia 5 de fevereiro, quando os militares realizaram o transporte dos últimos reféns dos locais de resgate até a cidade de Palmira, na Colômbia. Ao final, a operação contabilizou o resgate de seis reféns, conforme previsto e anunciado pelas FARC.

Contrariamente ao que fora divulgado pela imprensa internacional, não houve interferência de aeronaves do Exército Colombiano na operação. Assim, sob a perspectiva



Preparação do helicóptero

da tropa brasileira envolvida na operação, todas as ações aconteceram exatamente como o planejado.

Conforme o acordado entre os envolvidos na negociação, os militares permaneceram desarmados durante toda a operação. Apesar disso, as ações da tropa brasileira não sofreram limitações.

Assim, conforme amplamente divulgado pela imprensa internacional, o apoio prestado pelo Brasil foi decisivo para o êxito da missão. O sucesso obtido pode ser atribuído ao fato de esses militares serem empregados constantemente nessas áreas e das unidades operacionais do Exército Brasileiro, situadas na região amazônica, encontrarem-se em constante adestramento e prontidão.

UM POUCO DA HISTÓRIA DO 4º BATALHÃO DE AVIAÇÃO DO EXÉRCITO

O 4º Batalhão de Aviação do Exército, criado em 1993, é uma Organização Militar operacional e tem a missão de dar mobilidade ao Comando Militar da Amazônia, ao qual está diretamente subordinado, possuindo militares treinados em operações no ambiente amazônico. Atualmente, é uma das Organizações Militares mais experientes no emprego de aeronaves de asa rotativa.



Preparação do pessoal – utilização de oxigênio

O 4º B Av Ex nasceu da crescente importância geopolítica da região amazônica. Sua origem remonta ao ano de 1991, quando uma força de helicópteros da então Brigada de Aviação do Exército deslocou-se de Taubaté (SP) para participar de operação militar na região de Tabatinga (AM).

A Unidade, contudo, nasceu de fato com a reestruturação da Aviação do Exército, em agosto de 1993, sendo ativada em 15 de dezembro do mesmo ano, com a denominação de 1º Esquadrão do 2º Grupo de Aviação do Exército, utilizando provisoriamente áreas da Base Aérea de Manaus. Em 15 de dezembro de 1997, passou a designar-se 4º Esquadrão de Aviação do Exército, evoluindo para as atuais estrutura e denominação.

Em 18 de junho de 1999, o Batalhão ocupou suas instalações atuais, no setor sul do aeródromo de Ponta Pelada.

Com suas aeronaves HM-1 (Pantera), HM-2 (Black Hawk) e HM-3 (Cougar), o Batalhão dispõe de pessoal especializado, dedicado, motivado e comprometido com o dever de defender a Amazônia Brasileira, e, ainda, encontra-se em caráter de prontidão permanente para atender ao chamado da Pátria. Fruto da necessidade imposta pela atividade, pode deslocar-se, compondo uma força tarefa, para qualquer parte da Amazônia.

Assim sendo, está apto a cumprir ações aeromóveis de combate, apoio ao combate e apoio logístico, desdobrando-se no terreno com seus próprios meios, proporcionando aeromobilidade ao Comando Militar da Amazônia.

CURIOSIDADES SOBRE A AERONAVE COUGAR

A Aeronave "COUGAR", modelo empregado na operação de resgate dos reféns das FARC, é de fabricação francesa, tem capacidade para 21 passageiros e quatro tripulantes. Possui autonomia de seis horas de voo, capacidade para voar em grandes altitudes e, nestas condições, opera somente com auxílio de instrumentos. ➡



Aeronave Cougar empregada no cumprimento da missão



Vista aérea de Itajaí-SC



Desmoronamento em Blumenau-SC



Vista aérea de Ilhota-SC

A tragédia das chuvas em Santa Catarina

Em três meses de chuvas intensas e constantes, 80 mil pessoas ficaram sem condições de retorno aos seus lares. Foi decretada “Situação de Emergência” em 99 municípios, dos quais 14 entraram em “Estado de Calamidade Pública”.

A FÚRIA DOS ELEMENTOS

O Estado de Santa Catarina tem sido sistematicamente afetado por desastres naturais causados por adversidades climáticas ao longo de sua história, atingindo, principalmente, os municípios localizados nas planícies costeiras e bacias hidrográficas.

A topografia dessas regiões, composta basicamente por vales cercados por montanhas, terrenos planos e alagadiços nas desembocaduras dos rios, favorece a recorrência de enchentes desde tempos imemoriais.

Nos anos de 1983 e 1984, o Estado enfrentou inundações catastróficas na "Região do Vale do Itajaí", com 49 mortes, sendo Blumenau o município que mais sofreu com a ação das águas. Ainda está na lembrança de muitas pessoas o movimento "SOS Sul", no qual a sociedade brasileira, espontaneamente, mobilizou-se, à época, para angariar donativos destinados às vítimas flageladas.

Em 1995, as chuvas provocaram fortes deslizamentos, desta vez nos municípios de Timbé do Sul, Jacinto Machado e Siderópolis, ocasionando 29 mortes.

Nas enchentes do final do ano de 2008 e início de 2009, as águas foram ainda mais implacáveis: três meses seguidos de chuvas intensas e constantes deixaram mais de 80 mil pessoas sem condições de retorno aos seus lares, destruídos em soterramentos ou inundados pela lama. Uma multidão de desalojados e desabrigados formou-se em 99 municípios, que decretaram "situação de emergência", dos quais 14 entraram em "estado de calamidade pública".

No total, 135 mortes foram confirmadas pelas autoridades e duas pessoas ainda não foram encontradas. Cerca de 97% dos óbitos ocorreram por soterramento. Só na localidade de Ilhota, 47 pessoas morreram soterradas, a maioria delas dentro de suas casas ou nas proximidades.

Para se ter uma ideia do volume da precipitação atmosférica, somente entre os dias 22 e 23 de novembro de 2008 choveu mais do que o dobro da média prevista para todo o mês, sendo que, em Blumenau, caíram 600 mm em cinco dias, o que correspondeu a cinco vezes o esperado para o mês de novembro inteiro, em um volume estimado em 300 bilhões de litros, suficientes para abastecer a cidade de São Paulo por 100 dias.

A cidade de Itajaí, uma das mais importantes do estado, com cerca de 160 mil habitantes e localizada na foz do Rio Itajaí-Açu, teve mais de 80% de seu território inundado. As equipes de resgate que sobrevoavam a cidade alagada descreviam-na como "um grande arrozal", com apenas os edifícios e as cumeeiras dos telhados mais altos despontando dentre as águas barrentas. A maré oceânica, como fator complicador, permaneceu alta durante dias, impedindo o escoamento normal das águas do rio e agravando muito a situação das pessoas atingidas.

Em Blumenau, Ilhota e Itajaí, os três municípios mais afetados, os terrenos receberam o equivalente a 1.000 l/m²

(mil litros de água por metro quadrado). Isso causou, de acordo com os especialistas, a "solifluxão", o que ocorre quando o solo, pelo encharcamento, simplesmente se desmancha. Como comparação, de 1997 a 2001, ocorreram 1.954 deslizamentos no município de Blumenau. Em 2008, foram identificados mais de 4.000 pontos de deslizamentos, atingindo, principalmente, as áreas edificadas em regiões de encostas.

Um terço de todo o território catarinense foi alvo da fúria das águas, alterando significativamente a vida de cerca de dois milhões de pessoas, ou seja, 34% da população. No dia 22 de novembro, o Governo do Estado decretou situação de emergência em Santa Catarina.

Com as chuvas, desabamentos e deslizamentos de encostas, cerca de 23 rodovias estaduais foram danificadas, algumas seriamente, e interditadas por semanas, além de muitos trechos das rodovias federais.

Ainda não foi completamente calculada a extensão dos prejuízos econômicos nos chamados "danos estruturais" (pontes, estradas, iluminação pública) e na queda da produção da indústria, na interrupção do abastecimento de gás e nas perdas de receita advindas do cancelamento de viagens turísticas, ponto forte na economia do Estado. Algumas fontes citam que o Estado necessitará de mais de um bilhão de reais em investimentos nos próximos anos para recuperar-se da tragédia de 2008-2009. Somente o Porto de Itajaí, o principal de Santa Catarina, o 2º do País em fluxo de cargas em contêineres e, com isso, responsável por 4% do superávit da balança comercial brasileira em 2008, com 33 milhões de dólares de exportações por dia, teve 3 dos 4 pontos de atracação (berços) destruídos ou seriamente comprometidos pela força das águas da maré.

Nas áreas rurais e urbanas atingidas, mais de 6.000 famílias continuam sem moradia, sendo que muitas também perderam os terrenos onde suas casas foram construídas, principalmente na região do Morro do Baú, na divisa entre os municípios de Ilhota, Gaspar e Luiz Alves.

A RESPOSTA DA SOCIEDADE

Cerca de 12 mil pessoas, envolvendo efetivos importantes das Forças Armadas, bombeiros e policiais militares de vários estados, participaram diretamente das ações de resgate, salvamento, evacuação, transporte e alojamento para os atingidos. Outros milhares de voluntários trabalharam na recepção, triagem e distribuição de doações, irmanando, em uma comovente demonstração de solidariedade, todas as regiões brasileiras.

O segmento empresarial contribuiu decisivamente com a logística e com as doações de insumos que muito auxiliaram as famílias que perderam tudo o que tinham. Importantes personalidades do meio artístico e cultural mobilizaram seus públicos no auxílio às vítimas. Profissionais liberais doaram seu tempo para transmitir amparo psicológico a pessoas que não tiveram tempo sequer de



Rua alagada em Blumenau-SC



Embarque de suprimentos realizado por soldados do 63º BI



Embarque de suprimentos em aeronave



Resgate de desabrigados

salvar seus documentos pessoais ou as fotos dos álbuns de família. Servidores públicos, vários deles com suas casas também atingidas, superaram-se para atender às inesgotáveis demandas dos milhares de apelos por socorro. Quase cinco meses depois, voluntários ainda trabalham na recuperação das casas dos atingidos e nos alojamentos que acolheram desabrigados.

O volume de doações que chegou aos locais da tragédia foi muito grande e, muitas vezes, não foi possível escoá-lo de imediato, por insuficiência de transportes e de pessoal. Estima-se que mais de 4,3 milhões de quilos de alimentos chegaram até as regiões atingidas, sem contar as doações em roupas e remédios, estimadas em mais de 1 milhão de quilos. Mais de 2,5 milhões de litros de água mineral, item que se mostrou crucial para sobrevivência dos flagelados, foram doados pela população brasileira, sobretudo a catarinense, a qual, também sofrendo com o período prolongado de chuvas, empenhou-se para minorar o sofrimento de seus conterrâneos. Os alimentos e a água doados foram considerados, pela Defesa Civil do Estado, suficientes para atender à demanda gerada pelo desastre. Também foram distribuídos materiais de limpeza doméstica, de higiene pessoal e muitos brinquedos, especialmente na semana do Natal. Em dinheiro, a doação de pessoas anônimas chegou a ultrapassar a casa de 30 milhões de reais.

O EXÉRCITO BRASILEIRO EM AÇÃO

Durante toda a operação, a 14ª Bda Inf Mtz empregou mais de 4 mil homens que atuaram em múltiplas missões de resgate, salvamento, evacuação, distribuição de água e alimentos, atendimento médico e hospitalar, recuperação e liberação de estradas, e construção de pontes. Foram utilizados helicópteros, blindados, barcos, viaturas de tipos variados, material e pontes móveis de Engenharia.

Desde antes do agravamento das chuvas, em meados de novembro de 2008, o Comando da 14ª Brigada de Infantaria Motorizada – “Brigada Silva Paes” – já acompanhava o desenrolar da situação, mantendo um oficial em permanente ligação com a Defesa Civil de Santa Catarina, prática já consolidada pelas experiências anteriores e que, mais uma vez, demonstrou ser prudente e necessária na antecipação das ações.

Na última semana daquele mês, o Comando e o Estado-Maior da Brigada, além dos Comandantes das Organizações Militares integrantes da Grande Unidade, encontravam-se no Quartel-General da 5ª Região Militar/ 5ª Divisão de Exército, em Curitiba/PR, no Exercício de Simulação de Combate. Tal atividade objetivava cumprir a fase prevista para o seu adestramento. No entanto, aqueles militares tiveram de, rapidamente, mudar por completo



*Vista aérea do
23º Batalhão de
Infantaria /
Posto de Comando
da 14ª Brigada de
Infantaria
Motorizada
durante a operação*

sua frente de atuação e passar a viver a situação real de salvar vidas.

O Comando da Brigada, instalando seu Posto de Comando no quartel do 23º Batalhão de Infantaria (23º BI), em Blumenau, passou a coordenar a "Operação Itajaí-Açu". Com o emprego de cinco aeronaves de asa rotativa recebidas do Comando de Aviação do Exército, quatro blindados M-113, barcos e pontes móveis da Engenharia e mais de 50 viaturas de variados tipos, as equipes dedicaram-se, prioritariamente, a resgatar as pessoas que estavam ilhadas em áreas de risco, transportando-as e alojando-as nos mais de 60 abrigos planejados pela Defesa Civil de Blumenau, os quais operaram com o apoio dos militares do 23º BI na segurança, manutenção e infraestrutura. Ao todo, os abrigos receberam quase cinco mil pessoas em suas instalações. As equipes dos abrigos foram, mais tarde, substituídas por efetivos oriundos de outras Organizações Militares, em rodízios planejados para permitir um pouco de descanso à tropa local.

Os helicópteros de nossa aviação escreveram um capítulo à parte nesta história de abnegação e de dedicação ao próximo: a chegada das primeiras aeronaves na área deu-se exatamente em um dos momentos mais críticos de toda a operação, pois, de imediato, resgataram cerca de 250 pessoas, cujas residências foram soterradas no Morro do Baú. Durante toda a operação atenderam mais de 1.500 pessoas que estavam entregues à própria sorte. Na "Operação Itajaí-Açu", nossas tripulações voaram mais de 280 horas e gastaram 86 mil litros de combustível, resgatando e transportando centenas de vidas humanas em 250 missões de voo. As equipes do Serviço de Busca e Salvamento cumpriram tarefas heroicas, retirando, no total, 1.193 pessoas que estavam à mercê dos elementos naturais.

Grupos de Combate do 23º BI, transformados em Equipes de Resgate, operaram por dias seguidos com o

mínimo de repouso, poucas horas de sono e exigências físicas próximas ao limite. Alguns desses militares estavam com suas famílias desalojadas, pois 46 integrantes do 23º BI tiveram suas casas inundadas, das quais 12 eram Próprios Nacionais Residenciais (PNR) da Vila dos Sargentos.

As ações de patrulhamento e de busca por pessoas atingidas, quer oriundas dos pedidos da Defesa Civil de Blumenau, quer fruto da observação atenta dos próprios militares que patrulhavam as áreas alagadas, eram coordenadas pelo Comandante e pelo Estado-Maior da OM, submetidas ao Comandante da Brigada e desencadeadas sem solução de continuidade. Foi resgatada mais de uma centena de pessoas de áreas de extremo perigo, e outras duzentas foram evacuadas de locais condenados pelas autoridades.

As demais Unidades integrantes da 14ª Bda Inf Mtz mobilizaram-se para atender aos atingidos nos municípios situados em suas áreas de responsabilidade: em Joinville, o 62º Batalhão de Infantaria (62º BI) desdobrou-se para auxiliar as pessoas flageladas na cidade e em seus distritos vizinhos; em Criciúma, o 28º Grupo de Artilharia de Campanha auxiliou muito a Defesa Civil local com pessoal e viaturas; a 3ª Companhia/63º Batalhão de Infantaria (3ª Cia/63º BI), mais uma vez, saiu em auxílio à população de Tubarão; o Hospital de Guarnição de Florianópolis mobiliou e operou, com oito profissionais de saúde um posto de atendimento em Itajaí. Os militares do 63º BI, na capital, efetuaram a montagem de cestas básicas, descarregando insumos que chegavam aos postos de triagem, loteando, embalando e carregando as cestas para o transporte, em uma faina que chegou a envolver mais de 300 caminhões e carretas, além de operarem em Itajaí e Gaspar.

Importante ressaltar a participação do 5º Batalhão de Engenharia de Combate no restabelecimento de ligações viárias, interrompidas por interdição de pontes em



Resgate de acidentado



Vila de Subtenentes e Sargentos

Blumenau, e no apoio do 10º Batalhão de Engenharia de Construção de Lages/SC aos funcionários do “Consórcio Gasoduto Brasil Bolívia”, cujo fornecimento de gás foi interrompido pelo desabamento de uma encosta que provocou uma explosão no duto. As difíceis condições climáticas predominantes e, particularmente, a instabilidade do terreno em volta do local da explosão impediam a aproximação dos técnicos, só realizada após a chegada de engenheiros daquela tradicional Unidade. Após sobrevoarem a área, os militares planejaram e executaram uma ação que permitiu o restabelecimento da ligação em 48 horas e evitou o agravamento dos prejuízos econômicos que se estenderiam à Região Sul do Brasil, com suas indústrias dependentes do gás combustível boliviano.

É oportuno lembrar que existe um excelente entrosamento entre a Prefeitura de Blumenau e o Batalhão “Jacinto Machado de Bitencourt”, semeado nas gestões anteriores e perfeitamente consolidado. Por esse motivo, privilegia-se o planejamento conjunto entre as instituições civis, militares e os órgãos públicos para o caso de crises.

O Comando da Força Terrestre apoiou sobremaneira as Unidades que participaram das ações e priorizou o amparo e a assistência à Família Militar atingida. Significativos recursos financeiros chegaram às OM, possibilitando as ações de atendimento às vítimas e de apoio às solicitações da Defesa Civil. Foram estabelecidas gestões junto ao governo federal de forma a permitir o aporte de

cerca de 3,5 milhões de reais para a construção de Próprio Nacional Residencial (prédio de apartamentos), a fim de substituir as casas condenadas. A Diretoria de Controle de Efetivos e Movimentações atendeu ao pedido de praticamente todos os militares que solicitaram sua movimentação da Guarnição de Blumenau, por necessidade do serviço. A Diretoria de Apoio ao Pessoal flexibilizou até 10 mil reais de auxílio indenizável, em 36 parcelas sem juros, para que os militares pudessem equipar suas novas moradias e reconstruir suas vidas com suas famílias.

Cabe ressaltar que diversos militares, participantes da operação, demonstraram, de maneira voluntária, camaradagem, solidariedade e amor ao próximo, ao doarem vários bens móveis aos desabrigados mais necessitados. Atitudes assim reforçam a crença na Instituição, cuja MÃO AMIGA se estendeu, de forma afetuosa, ao bravo povo catarinense.

No auge da crise, a 14ª Brigada de Infantaria Motorizada empregou, de uma só vez, cerca de 1.500 militares e, durante toda a operação, mais de 4 mil homens que atuaram em múltiplas missões de resgate, salvamento, evacuação, distribuição de água e alimentos, atendimento médico e hospitalar e recuperação e liberação de estradas e construção de pontes. Foram utilizados helicópteros, blindados, barcos, viaturas de tipos variados, material e pontes móveis da Engenharia. —



Ponte destruída em Blumenau-SC



Construção de ponte pelo 5º Batalhão de Engenharia de Combate

Forte Coimbra

A Sentinela Oeste do Brasil

O Forte Coimbra foi fundado em 1776 pelo Capitão **Mathias Ribeiro da Costa**, que havia sido incumbido pelo governador da capitania de Mato Grosso, **Luis de Albuquerque Pereira de Mello e Cáceres**, da missão de instalar uma fortificação no curso médio do rio Paraguai. Tal fortificação objetivava garantir à Coroa Portuguesa a posse das terras a oeste do rio Paraguai.

Ao longo de sua história, o Forte Coimbra foi alvo de dois ataques estrangeiros. O primeiro, em 1801, ocorreu sob o comando do Tenente-Coronel **Ricardo Franco de Almeida Serra**. Naquela oportunidade, o forte estava sendo reerguido em alvenaria e pedra, uma vez que a instalação original era uma paliçada de carandá (palmeira típica da região). O invasor contava com 800 homens, sob o comando de D. **Lázaro de Ribera**, então Governador de Assunção, enquanto que o forte contava com 109 homens. Apesar da superioridade bélica da força inimiga ser incontestável, a tropa resistiu ao cerco por 10 dias e, em seguida, rechaçou o inimigo. O feito daqueles homens ecoou pela capitania, movimentando as demais guarnições para a defesa da fronteira oeste.

Em 27 de dezembro de 1864, no contexto da guerra da Tríplice Aliança, o Forte Coimbra sofreu o segundo ataque. Desta vez, a força invasora somava 3.200 homens, armados com canhões e protegidos por dez embarcações de guerra. Naquele momento, o Coronel **Hermenegildo Portocarrero**, que se encontrava em visita de inspeção à Praça de Coimbra, assumiu heroicamente o comando dos 149 homens existentes na guarnição e organizou a defesa da posição. Após dois dias de combate, impossibilitado de receber novo suprimento e de ser reforçado, o Coronel **Portocarrero** ordenou a retirada para Corumbá, a fim de evitar o sacrifício de vidas humanas e dar o alerta oportuno àquela guarnição, que seria o próximo objetivo paraguaio.

Destaca-se o significado histórico e religioso da padroeira do Forte, Nossa Senhora do Carmo, que exerceu papel encorajador e aglutinador nos dois combates, creditando-se a ela o milagre de ter salvado as guarnições do Forte.

Com o fim da Guerra do Paraguai, em 1870, o Forte Coimbra foi reocupado e reconstruído. No ano de 1907, foi iniciada a construção das atuais instalações do aquartelamento e, a partir de 1908, o Forte foi desocupado. Em 1950, a guarnição ganhou a denominação de 1ª Bateria do 6º Grupo de Artilharia de Costa e Forte Coimbra.

A tropa de artilharia permaneceu em Coimbra até 1992, quando a organização militar passou a ser mobiliada por infantas da 3ª Companhia do 17º Batalhão de Fronteira. Dois anos mais tarde, após ganhar a autonomia administrativa, a organização militar passou a ser designada 3ª Companhia de Fronteira e Forte Coimbra, subordinada diretamente à 18ª Brigada de Infantaria de Fronteira, sediada em Corumbá. Em 2002, a subunidade recebeu a denominação histórica de Companhia Portocarrero.

Além do forte, a localidade de Coimbra destaca-se por suas belezas naturais e pela religiosidade de sua comunidade. A biodiversidade da região é assegurada pelo seu isolamento, possibilitando aos visitantes a oportunidade de contemplar inúmeras espécies vegetais e animais. Na época da pesca, os adeptos desta atividade esportiva vêm para Coimbra em busca de peixes como pintado, jaú, dourado, pacu, entre outros. Em julho, a população local mobiliza-se para a festa de Nossa Senhora do Carmo, quando centenas de devotos ali correm para agradecer ou fazer pedidos à padroeira do forte. —



Foto: Maj Nivaldo

Forte Coimbra

Fibra de carbono

Aplicação em material de emprego militar

Não é prudente conceber um país sem capacidade de defesa compatível com sua estrutura e aspirações políticas.
Política de Defesa Nacional

Os materiais de carbono constituem uma classe que apresenta propriedades inigualáveis em diversas áreas, tais como resistência mecânica, resistência à alta temperatura, inércia química, condutividade térmica e condutividade elétrica (Figura 1). Essas propriedades fazem com que esses materiais tenham diversas aplicações civis e sejam utilizados em modernos Materiais de Emprego Militar (MEM).

A pesquisa em materiais de carbono no Exército iniciou-se em 1982, visando ao desenvolvimento de tecnologia nacional de produção de grafites especiais de alta pureza. As grafites têm aplicação em atividades variadas como siderurgia, indústria microeletrônica, produção de foguetes e reatores nucleares. Essa pesquisa culminou na construção de uma planta-piloto de produção de grafites no Centro Tecnológico do Exército (CTEx), até hoje instalação de pesquisa ímpar no Brasil. Desde então, o CTEx mantém um grupo de pesquisa em materiais de carbono cuja área de atuação ampliou-se para outros materiais, especialmente a fibra de carbono.

FIBRA DE CARBONO

A fibra de carbono é outro material com vasta aplicação, por combinar uma alta resistência mecânica a um baixo peso. Comparada a uma peça em aço de alta resistência, uma peça equivalente de fibra de carbono de qualidade

média, com a mesma resistência mecânica, apresenta um peso dez vezes menor.

Na grande maioria das aplicações, a fibra de carbono é utilizada como reforço em um material composto (compósito). Materiais compósitos são sistemas constituídos de dois ou mais componentes e projetados de forma a apresentar propriedades superiores às de seus materiais constituintes. Geralmente, são formados por uma matriz que suporta e protege um material de reforço, que, por sua vez, transfere suas propriedades físicas à matriz. Os materiais compósitos mais comuns são constituídos de matrizes poliméricas, metálicas ou cerâmicas, reforçadas por fibras orgânicas, de vidro, de carbono ou cerâmicas.

As excelentes propriedades mecânicas da fibra de carbono, associadas a seu baixo peso, motivaram sua aplicação inicial em compósitos para a indústria aeroespacial, a partir da década de 60. Com a progressiva redução de seu custo desde então, as áreas de aplicação dos compósitos de fibra de carbono ampliaram-se gradualmente, incluindo hoje as indústrias aeronáutica, bélica, petrolífera, automobilística, de artigos esportivos, e de construção civil, entre outras.

Para a maioria das aplicações dos compósitos de fibra de carbono são empregadas matrizes poliméricas, nos chamados Polímeros Reforçados por Fibra de Carbono

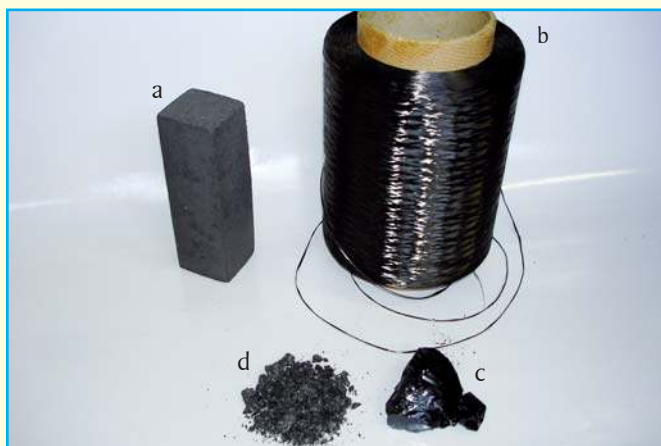


Figura 1 – Materiais de carbono e seus precursores. Em sentido horário: (a) grafite, (b) fibra de carbono, (c) piche de petróleo, (d) coque de petróleo

Foto: SC Luiz Clóvis

(*carbon fiber reinforced plastics – CFRP*). Para aplicações especiais a altas temperaturas, tais como em tuberias de mísseis e lançadores de satélites, a matriz também é constituída de carbono, nos chamados compósitos carbono/carbono. Matrizes cerâmicas, como o carbetto de silício, são usadas para aplicações balísticas e em altas temperaturas.

Atualmente, compósitos de fibra de carbono estão sendo utilizados, por fabricantes de vários países, para a redução de peso em praticamente todos os tipos de Materiais de Emprego Militar para o combatente terrestre, incluindo equipamento individual, armamentos leve e pesado, viaturas, veículos aéreos não tripulados e material de engenharia de combate. A redução de peso que pode ser obtida por meio do emprego da fibra de carbono pode ser exemplificada por modelos de armamento leve em desenvolvimento ou em produção em outros países. Estes incluem uma metralhadora calibre .50 pesando apenas 19 kg com suporte e tripé (aproximadamente 1/3 do peso da M2 *Browning*), fuzis com peso entre 2 e 3 kg (metade do peso do M974 FAL) e submetralhadoras com peso inferior a 2 kg (metade do peso da M9 M72 Beretta).

Além dos benefícios obtidos com a redução de peso nos diversos tipos de MEM, nos quais os compósitos são utilizados, as propriedades da fibra de carbono também levaram ao desenvolvimento de novos tipos destes materiais. Durante operações militares na antiga Iugoslávia no final de década de 90, foi empregada, pela primeira vez, uma bomba aérea composta por submunições que dispersam fibras de carbono com alta condutividade elétrica. Ao atingir subestações elétricas e linhas de transmissão, as fibras de carbono causam curtos-circuitos e consequente inutilização do sistema, sem sua destruição permanente. O mesmo tipo de munição foi empregado em mísseis de cruzeiro contra o Iraque, na operação “Tempestade do Deserto”. Outro MEM em desenvolvimento nos Estados Unidos, empregando fibra de carbono, é uma bomba aérea de letalidade reduzida, específica para operações em áreas

civis. A carcaça tradicional de aço é substituída por fibra de carbono, de forma a reduzir a letalidade de seus estilhaços e diminuir o número de baixas civis colaterais por ocasião da destruição do alvo.

A produção mundial de fibras de carbono é concentrada principalmente no Japão e, em menor grau, nos Estados Unidos e na Europa. Por se tratar de um material com diversas aplicações estratégicas, a venda de fibras de carbono é restringida por rígidos controles internacionais, e sua aplicação em MEM, desenvolvidos no país, passa necessariamente pela obtenção de tecnologia nacional para sua produção.

NÚCLEO DE COMPETÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE TECNOLOGIA DE CARBONO

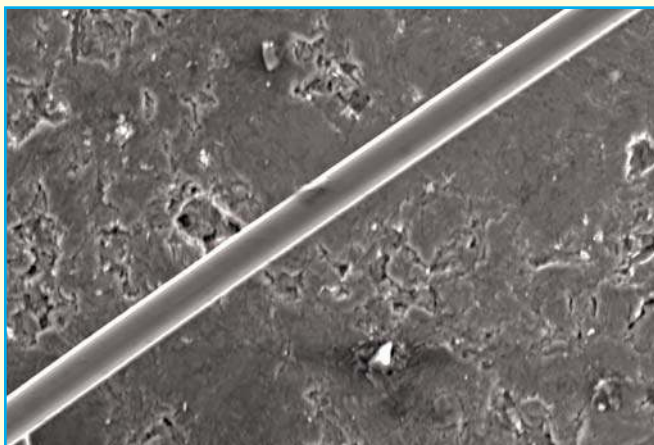
O CTEx desenvolve atualmente tecnologia nacional de produção de fibras de carbono e outros materiais de carbono a partir de resíduos de petróleo, em parceria com a Petrobras. Em 2005, esse trabalho levou à produção de forma contínua, pela primeira vez no Brasil, de fibras de carbono a partir de piches de petróleo (Figura 2).

Em 2006, o prosseguimento da parceria entre o CTEx e a Petrobras levou à criação do Núcleo de Competência para o Desenvolvimento de Tecnologia de Carbono (NCDTC), com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação - Exército Brasileiro (FAPEB).

As instalações do NCDTC estão sendo reformadas e ampliadas, com recursos da Petrobras, constituindo uma área total de mais de 8.000 m² de instalações de produção e laboratórios de caracterização de materiais de carbono. Além de grafites e fibras de carbono, o NCDTC também desenvolve tecnologia de produção de nanomateriais e novos métodos de caracterização de materiais de carbono em geral. O NCDTC é atualmente o maior laboratório nacional dedicado exclusivamente à pesquisa e ao desenvolvimento de materiais de carbono. —

Figura 2 – Microfotografia de filamento de fibra de carbono produzido no CTEx

Foto: Cap Franceschi





*Utilização do balão de reconhecimento na guerra do Paraguai
Revista "Os rotores da aviação"*



A Observação Aérea no Brasil

“Aqui, nós fazemos da arte de observar
um grande instrumento de guerra”
“Olho nele!”

Seção de Ensino de Observação Aérea

HISTÓRICO

Falar na Observação Aérea Brasileira é retornar 142 anos no passado, para 1867, nos campos de batalha da Guerra da Tríplice Aliança, pois lá, por ideia do Duque de **Caxias**, o Brasil utilizou esse importante instrumento de batalha pela primeira vez. Naquela oportunidade, empregou balões cativos de observação, a fim de reconhecer as posições defensivas de Curupaiti e Humaitá.

Quarenta anos após o término da guerra, mais precisamente no ano de 1907, o Ministro da Guerra, Marechal **Hermes da Fonseca**, resolveu enviar à França o Tenente de Cavalaria **Juventino da Fonseca**, militar que viria a ser o primeiro Observador Aéreo brasileiro. Na França, esse valoroso oficial aprendeu as artes de observar o campo de batalha e de pilotar os balões cativos de observação, chegando a participar da “Prova de Velocidade e de Descida”, em Bruxelas, convidado diretamente pelo Rei **Leopoldo** da Bélgica. Na ocasião, o Ten **Juventino** demonstrou o valor do militar brasileiro, conquistando o quarto lugar na referida competição com o balão de nome “Radio-Solaire”. Após retornar da França, recebeu a missão de montar o primeiro parque de aeroestações brasileiro. Infelizmente, esse irmão de arma foi também o primeiro acidentado em atividades aeronáuticas do nosso País, vindo a falecer em 20 de maio de 1908.

Em 1919, com a vinda da Missão Militar Francesa, foi criada a Escola de Aviação Militar, no campo Délio Martins de Matos, o Campo dos Afonsos. Esse Estabelecimento

passou a ser responsável pela formação das quatro categorias de aviadores do nosso Exército: os pilotos, os observadores aéreos, os mecânicos de voo e os metralhadores.

A primeira turma de Observadores Aéreos do Exército formou-se em 1921 e teve como Observador Nr 01 o, então, 1º Tenente de Artilharia **Eduardo Gomes**, futuramente, Brigadeiro-do-Ar **Eduardo Gomes**, patrono da Força Aérea Brasileira.

Em 1942, por ordem do Presidente da República, o Sr **Getúlio Vargas**, foi criada a Força Aérea Brasileira (FAB), que passou a concentrar todos os meios aéreos do Exército e da Marinha. A partir desse momento histórico, foi facultado aos militares da área de aviação optar por continuar em sua Força de origem ou migrar para a Força irmã recém-criada.

De 1942 a 1944, o Exército possuía apenas alguns Observadores Aéreos que preferiram permanecer na Força Terrestre. Contudo, no início do ano de 1944, fruto da decisão brasileira de combater na 2ª Guerra Mundial em apoio às tropas aliadas, foi criado um curso expedito de Observador Aéreo, nas instalações da antiga Escola de Aviação Militar, para preparar militares do Exército e da FAB, que integraram a 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO).



*Ten Juventino e seu primeiro voo de balão em solo brasileiro
Revista "Os rotores da aviação"*



*Major Aviator João Affonso Fabrício Belloc
realiza "briefing" com integrantes da ELO na Itália*

A Força Aérea Brasileira participou da composição da Força Expedicionária Brasileira com um contingente de 30 homens a serviço da Esquadrilha de Ligação e Observação, pertencente à Artilharia Divisionária. Tal Esquadrilha destinava-se aos trabalhos de regulação do tiro de artilharia, de observação do campo de batalha e às missões de ligação. Os pilotos e o pessoal de manutenção dos aviões pertenciam à FAB; os Observadores Aéreos eram oficiais do Exército, da Arma de Artilharia.

A 4 de novembro de 1944, a Esquadrilha instalou-se no aeródromo de San Rossore, onde recebeu os seus 9 aviões L-4, do tipo Piper Cub, com motor de 65 CV. Os L-4 eram equipados com rádio, mas eram completamente desprovidos de armamento.

As missões aéreas realizadas pela 1ª ELO eram longas e árduas, devido à topografia da região em que operava, os Montes Apeninos; às condições atmosféricas durante o inverno, com nuvens dificultando a visibilidade e a passagem entre os morros; à pouca potência de seus pequenos aviões; ao desconforto da cabina não aquecida; à longa permanência sobre as linhas de frente; às pistas de pouso precárias de onde os militares tinham que operar; e ao fogo antiaéreo inimigo.

A 1ª ELO deslocava, frequentemente, sua base, acompanhando os movimentos da Força Expedicionária Brasileira e das Unidades de Artilharia, cujos tiros deveriam estar prontos a regular.

As pistas de aterragem eram preparadas sumariamente e tinham de 200 a 300 metros de comprimento; em alguns casos, a largura útil da pista, recoberta por chapas de aço perfuradas, era de 6 metros.

Durante a Campanha da Itália, a 1ª Esquadrilha de Ligação e Observação realizou 1.654 horas de voo, 682 missões de guerra e mais de 400 regulações de tiro de artilharia. Cada piloto executou de 70 a 95 missões de guerra.

Os Observadores Aéreos da 1ª ELO fizeram, em média, 60 missões de guerra cada um.

Após o término da guerra, a Esquadrilha foi extinta e seus militares voltaram para as suas respectivas Forças.

No Exército, por não existir uma Unidade especializada, o emprego de Observadores Aéreos passou a contar com o apoio da FAB.

Em 1954, o Curso de Especialização em Observação Aérea foi recriado na Escola de Instrução Especializada (EsIE), no Rio de Janeiro, onde, até os dias atuais, são formados Observadores Aéreos do Exército e da Marinha.

EMPREGO NO BRASIL

Desde o fim da 1ª Guerra Mundial até os dias atuais, os Observadores Aéreos do Exército são empregados constantemente em exercícios, missões reais e missões de paz, a fim de realizar o Reconhecimento Tático; a Ligação dos Grandes Comandos; o Controle Aéreo Avançado; e a Condução do Tiro de Artilharia. Para tanto, conta com o apoio direto da Força Aérea Brasileira e da Aviação do Exército.

Dentre as diversas ocasiões em que esses tipos de emprego foram registrados, é possível destacar a atuação de Observadores Aéreos na Revolução Constitucionalista de 1932; a busca de integrantes da Guerrilha do Araguaia, juntamente com o atual 5º/8º Grupo de Aviação, sediado em Santa Maria-RS; o apoio, no Haiti, ao Batalhão Brasileiro de Missão de Paz em missões de Reconhecimento Tático, utilizando aeronaves do Exército do Chile; as Operações Combinadas de Grande Vulto, como a Timbó e a Tucunará, na Amazônia; as Operações Jauru, no Mato Grosso do Sul; as Operações Pampa, no Rio Grande do Sul; e as recentes Operações Cimento Social e Guanabara do Comando Militar do Leste. Em todas essas missões, os Observadores Aéreos fizeram parte das tripulações da Aviação do Exército, de asa rotativa, ou das tripulações da FAB, do 3º/8º Grupo de Aviação, Esquadrão Puma, sediado no Campo dos Afonsos, que completou, em 2008, 19 anos de apoio à Seção de Ensino de Observação Aérea da EsIE, fazendo uso de suas aeronaves de asa fixa, T-25 Universal.

Nesses diversos anos de existência, os Observadores Aéreos brasileiros atuaram em diferentes tipos de aeronaves. O quadro a seguir discrimina o período de utilização, o modelo da aeronave e a respectiva Força responsável:

Anos de utilização	Aeronave	Força responsável
1919 - 1942	Curtiss	Exército
1944 - 1955	Piper Cub	Exército (pilotos e mecânicos da FAB)
1955 - 1972	L-19 e L-6	FAB
1972 - 2000	L-42	FAB
2000 - aos dias atuais	T-25	FAB
1986 - aos dias atuais	HA-1	Exército Marinha
1986 - aos dias atuais	HM-1	Exército

ATUALIDADE MUNDIAL

O emprego de Observadores Aéreos ocorre, no mundo, desde 26 de julho de 1794, quando foi empregado, pela primeira vez, um homem em um artefato voador, nas Guerras Napoleônicas. A partir daí, a atividade cresceu de formas diferentes em cada país. Dois países podem ser citados a título de exemplo. O primeiro deles é a Argentina que utiliza esse tipo de especialista no *Escuadrón de Aviación de Apoyo de Inteligencia 601*. Tal *Escuadrón* é um Batalhão da Aviação do Exército e utiliza-se de aeronaves OV-1 *Mohawk* e aeronaves de investigação ambiental *Sky Arrow*, juntamente com Veículos Aéreos Não Tripulados (VANT), da família *Lipán*, em apoio direto à Inteligência Militar e ao Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária (INTA), órgão público de gestão ambiental. Atualmente, a Argentina busca a perfeita integração da observação visual feita por um militar, conhecedor da tropa de superfície, com o reconhecimento eletrônico proporcionado pelo VANT.

Já o Exército Norte-Americano passou a utilizar Observadores Aéreos, em 1862, na Guerra de Secessão Americana, em balões cativos de observação. De 1907 a



Foto: Sgt Sérgio Cardoso - EsIE

Militares participantes de Estágio de Adaptação à aeronave T27 Tucano - 1999



Aeronave OV-1 Mohawk utilizada pelo Exército Americano para Observação – Enciclopédia “Military”

1973, empregou esses especialistas em aeronaves de asa fixa e, a partir do ano de 1975, seus “batedores Aéreos” (*Aeroscout Observer*) atuaram em aeronaves de asas rotativas, modelo OH-58 *Kiowa Warrior*, nas quais o piloto ocupava o assento esquerdo e o Observador Aéreo o assento direito, integrando parte da Cavalaria Aérea Americana (*Air Cav*) até o ano de 2004. O incremento do uso do VANT provocou, praticamente, a extinção do emprego do Observador Aéreo, porém, com as guerras do Afeganistão e do Iraque, os EUA aprenderam uma importante lição: “A máquina nunca vai substituir completamente o ser humano”. Elas existem para auxiliar e complementar suas atividades. Assim, em julho de 2008, o Exército dos EUA reativou o emprego dos Observadores Aéreos, em aeronaves tripuladas de asa fixa, Beech C-12 “Huron”, a fim de realizar Reconhecimento Tático Visual e Controle Aéreo Avançado (*Forward Air Control Airborne - FAC - A*), apoiado pelos seus VANT Shadow e Warrior.

Com os dois exemplos, acima citados, pode-se verificar que o emprego do Observador Aéreo no Reconhecimento Tático Visual e em outras missões, inclusive de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), ainda, faz-se importante e necessário na busca de informações seguras, precisas e eficientes, que reduzam a imprecisão da detecção de objetivos que não são bem observados por meio dos VANT, veículos de visão em duas dimensões e que não proporcionam consciência situacional em 360°.

ATUALIDADE DA ESPECIALIZAÇÃO NO BRASIL

Atualmente, o Curso de Especialização em Observação Aérea, realizado na Escola de Instrução Especializada (EsiE), tem a duração de 22 semanas de instrução e é realizado por oficiais do Exército Brasileiro e da Marinha do Brasil.

O Curso é dividido em quatro etapas. A primeira consiste em 52 horas dedicadas à modalidade de ensino a distância (EAD), na qual os oficiais-alunos estudam a

Metodologia da Pesquisa Científica. Ao final das 22 semanas de curso, o aluno deverá apresentar o seu Trabalho de Término de Curso (TCC), para fazer jus ao diploma de pós-graduação Lato Sensu em Ciências Militares com ênfase em Observação Aérea.

A segunda etapa, presencial, consiste nas adaptações e nas qualificações operacionais para a atividade aérea, tanto para aeronaves de asa fixa como para as de asa rotativa. Nessa fase, os alunos realizam o exercício fisiológico para aeronaves de alto desempenho no Instituto de Fisiologia Aeroespacial (IFISAL) da FAB; o Estágio de Salto de Emergência no Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil; o exercício na Unidade de Treinamento de Escape de Aeronaves Submersas (UTEPAS), sediada no Centro de Instrução e Adestramento Aeronaval da Marinha; e o Estágio de Sobrevivência no Mar e na Selva, aplicado pelo Esquadrão Aeroterrestre de Busca e Salvamento da FAB. Ao final desse período, o oficial-aluno estará apto para o início das atividades aéreas.



Estágio na Unidade de Treinamento de Escape de aeronave submersa na Base Aérea Naval de São Pedro da Aldeia-RJ

A terceira etapa consiste em capacitar os alunos para a função de Observadores Aéreos. Isso é possível por intermédio do ensino de diversas disciplinas, das quais se destacam meteorologia, navegação aérea, métodos e técnicas de observação aérea, condução do tiro de artilharia e controle aéreo avançado. Nessa fase, eles entendem o amplo significado do lema: “Conhecer para reconhecer!”, pois o Observador Militar só reconhece o que conhece com profundidade. Desse modo, os alunos passam a estudar as 17 categorias de alvos de reconhecimento da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), aprendendo a identificar cada uma das suas peculiaridades, como indústrias, aeródromos, atividades militares, antenas, dentre vários outros. Esse estudo é complementado com práticas de Percepção Visual de Objetivos (PVO). Nessa oportunidade, é apresentado um slide por um período de cinco segundos e o aluno deve ser capaz de identificar o material dele constante.



Adaptação a aeronaves realizado no Instituto de Fisiologia Aeroespacial – câmara hipobárica

A quarta e última etapa consiste na realização dos voos e das Missões de Observação Aérea (MOA), quando o aluno colocará em prática tudo o que aprendeu.



Estágio na Unidade de Treinamento de Escape de aeronaves submersas na Base Aérea Naval

SIMPÓSIO DE OBSERVAÇÃO AÉREA

A EsIE, por meio da Seção de Ensino de Observação Aérea, realizou, em outubro de 2008, o 1º Simpósio de Observação Aérea. Preocupada com a atualização e a operacionalização da doutrina de emprego da aviação de ligação e observação, essa Escola, juntamente com diversos órgãos do Exército Brasileiro, empenha-se em estudar o emprego e avaliar a atividade da Observação Aérea atual e suas perspectivas para o futuro. Durante o evento, foram ministradas palestras com os seguintes temas: “A Observação Aérea em Outros Países”; “A Observação Aérea na Amazônia”; “Uma Proposta de Distribuição de Observadores Aéreos no Exército Brasileiro, face às Peculiaridades de cada Comando Militar de Área”; “A Aeronave T-27 (Tucano) em Missões de Observação Aérea”; e o “Apoio às Missões de Observação Aérea”.

Ao final das atividades, um relatório foi elaborado e remetido ao Escalão Superior para estudo e apreciação.

Nesse documento, foram registradas algumas sugestões e ideias discutidas pelos especialistas em Observação Aérea presentes no Simpósio. Abaixo, ressaltam-se alguns trabalhos:

1) elaboração de um Manual de Campanha ou Caderno de Instrução, versando sobre o Emprego da Observação Aérea. O objetivo desse documento é orientar e divulgar a forma correta e atualizada de emprego da atividade de observação aérea em operações militares, normatizando seus processos, suas possibilidades e limitações no campo de batalha moderno;

2) criação da Subseção de Observação Aérea nos Comandos Militares de Área e nas Brigadas. Segundo a proposta, as referidas Subseções seriam estruturadas e vinculadas às Segundas Seções dos Comandos Militares de Área e das Brigadas, à semelhança da estrutura adotada pelas Subseções de Informações Geográficas (Inteligência de Imagens);

3) utilização das aeronaves T-27 (TUCANO) e C-98 (CARAVAN) em Missões de Observação Aérea, consideradas pelos participantes do Simpósio, dentre as aeronaves operadas atualmente pela FAB, as mais adequadas ao cumprimento de Missões de Observação Aérea (MOA), pelas suas características técnicas e pela sua articulação no território nacional; e

4) proposta de distribuição dos Observadores Aéreos. Foram apresentadas sugestões para distribuição desses especialistas, no âmbito dos Comandos Militares de Área, levando-se em conta a capacidade de apoio em meios aéreos existentes atualmente na FAB.

CONCLUSÃO

Assim sendo, pode-se verificar que o Exército Brasileiro, por intermédio da EsIE e de sua Seção de Ensino de Observação Aérea, mantém viva uma chama que se acendeu há 142 anos, nas mãos do Duque de Caxias, cujo principal objetivo é aproveitar, ao máximo, o uso da terceira dimensão do combate, no sentido de garantir à Força Terrestre informações confiáveis e oportunas no Teatro de Operações. —

Foto Cap Benzi da EsIE



Missão de Observação com a aeronave UH-1H



Estágio de salto de emergência no CIPQDT 8

Foto: Cap Benzi da EsIE

37º Batalhão de Infantaria Leve

Em 23 de julho de 1942, o Comando do Exército decidiu efetivar e instalar, em Marília (SP), o 3º Batalhão do 5º Regimento de Infantaria (III/5º RI), Unidade que seria o elemento formador do 37º Batalhão de Infantaria Leve (37º BIL).

A instalação acabou por ser feita na cidade de Tupã (SP), tendo recebido nos meses seguintes pessoal e material, sob coordenação do Major **Danton Braga Benites**, seu primeiro Comandante.

A organização da Unidade efetivou-se em 1943, quando sua sede foi transferida para Lins (SP), deixando uma companhia destacada em Tupã e outra em Araçatuba (SP), o que perdurou até 1948.

A partir daí e de acordo com o seu processo evolutivo, o Batalhão passou por diversas transformações e teve as seguintes denominações: em 1946, II Batalhão do 6º Regimento de Infantaria e, em 1949, III Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

Em 1950, mudou de nome duas vezes, primeiro para Companhia Independente de Fuzileiros e, em seguida, voltou a ser o II Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

Dois anos depois, passou a chamar-se de 4º Batalhão de Caçadores (4º BC), sediado na avenida Duque de Caxias, onde hoje funciona a Associação Beneficente Cultural e Esportiva de Lins, pertencente a descendente de imigrantes japoneses.

No final da década de 60, a fim de se adequar às novas necessidades físicas de instalações, iniciaram-se as obras de construção de uma nova sede do Batalhão, no Bairro do Ribeiro, em terreno doado pela Prefeitura de Lins.

Concluídas as obras, em 1971, o Batalhão ocupou sua sede atual, na Rua Major Mattos Guedes, e a antiga sede foi entregue à prefeitura, que a restituiu à colônia japonesa.

Fruto do processo de reestruturação do Exército, a Unidade recebeu, no ano seguinte, a denominação de 37º Batalhão de Infantaria Motorizado, ficando subordinada à 11ª Brigada de Infantaria Blindada, sediada em Campinas (SP).

Em 1963, o então 4º BC foi agraciado com a Medalha da Constituição e, mais recentemente, em 2003, com a Ordem do Mérito Militar.

Finalmente, a 1º de março de 2005, passou a denominar-se 37º Batalhão de Infantaria Leve, ficando subordinado à 11ª Brigada de Infantaria Leve e tornando-se a Unidade operacional mais a Oeste do Estado de São Paulo. Sediou-se junto a importante entroncamento



Fachada do 37º Batalhão de Infantaria Leve

rodoviário e assumiu como área de responsabilidade todo o Noroeste Paulista.

O dia 28 de novembro ficou instituído como a data em que se comemora o aniversário do Batalhão que, no corrente ano, completará 66 anos de sua fundação.

CUIDADOS COM O MEIO AMBIENTE

O Batalhão desenvolve ações de gestão ambiental direcionadas para a preservação, conservação e recuperação das áreas verdes sob jurisdição do Exército Brasileiro.

Essas ações são prescritas no Plano Básico de Gestão Ambiental da Unidade, que especifica o funcionamento e as metas a serem atingidas. O Plano prevê também o cronograma de atividades, os indicadores de desempenho, os recursos necessários e atribui responsabilidades, expedindo ordens aos elementos subordinados na parte eminentemente prática.

CARACTERÍSTICAS DO BATALHÃO

O 37º Batalhão de Infantaria Leve é a única Unidade operacional no Oeste do Estado de São Paulo, sendo responsável pela área de segurança de 253 municípios da região, incluindo o Pontal do Paranapanema, e tem como limites os Estados do Paraná, do Mato Grosso do Sul e de Minas Gerais.

O Batalhão desenvolve um importante trabalho junto à sociedade local e regional, participando de boa parte dos eventos cívico-sociais de Lins e municípios vizinhos.

Destaque especial deve ser dado para a Banda de Música da Unidade que atende aos pedidos de escolas e de outras entidades de Lins e região, fazendo apresentações que engrandecem os nomes não só do 37º Batalhão de Infantaria Leve, mas, também, o do Exército Brasileiro.

Nesse contexto, destaca-se, ainda, o canil que, em processo de implantação, já apresenta resultados positivos



Visita de escolares ao Batalhão

em atividades internas e externas, sobretudo em demonstrações para as visitas e nos exercícios e operações.

Assim sendo, o 37º BIL desfruta de grande prestígio e simpatia junto à população de toda a região Noroeste do Estado de São Paulo, uma vez que possui um considerável número de reservistas dispersos por diversos municípios, que já foram tributários e emprestaram seus jovens à formação militar.

MISSÃO SÍNTESE

Cooperar com a 11ª Brigada de Infantaria Leve e com o Exército Brasileiro, dentro de sua área de jurisdição, na defesa do território, na garantia dos Poderes Constituídos, da lei e da ordem e nas ações subsidiárias, participando do desenvolvimento nacional, da defesa civil e de operações internacionais, de acordo com os interesses do País.

VISÃO DE FUTURO DO BATALHÃO

Ser um Batalhão de Infantaria adestrado para as missões de defesa externa e de Garantia da Lei e da Ordem (GLO); ser eficiente administrativamente, na busca da melhoria dos sistemas de gerenciamento, cujo compromisso com a excelência se traduza na qualidade de atendimento aos públicos interno e externo, sedimentados na probidade, na eficiência, no dinamismo, no desprendimento e na competência de seus profissionais.



Atividades do Canil



Controle de distúrbios urbanos - treinamento

SÍNTESE DOS DEVERES, DOS VALORES E DA ÉTICA APLICADOS NO BATALHÃO

- **Hierarquia e Disciplina:** seguir os pilares que sustentam a Instituição.
- **Sentimento do dever:** cumprir a legislação e a regulamentação a que estiver submetido, com autoridade, determinação, dignidade e dedicação além do dever, assumindo a responsabilidade pelas decisões que tomar.
- **Competência profissional:** ter a capacidade de cumprir missões, utilizando-se dos conhecimentos profissionais adquiridos na caserna, estimulando a iniciativa, a criatividade e o autoaperfeiçoamento.
- **Lealdade e Camaradagem:** cultivar a verdade, a sinceridade e a sadia camaradagem, mantendo-se fiel aos compromissos assumidos.
- **Coragem:** ter a capacidade de decidir e a iniciativa de implementar a decisão, mesmo com o risco de vida ou de interesses pessoais, no intuito de cumprir o dever, responsabilizando-se por sua atitude.
- **Responsabilidade:** ter a capacidade de manter a assiduidade, a pontualidade e o comprometimento com a Instituição. —



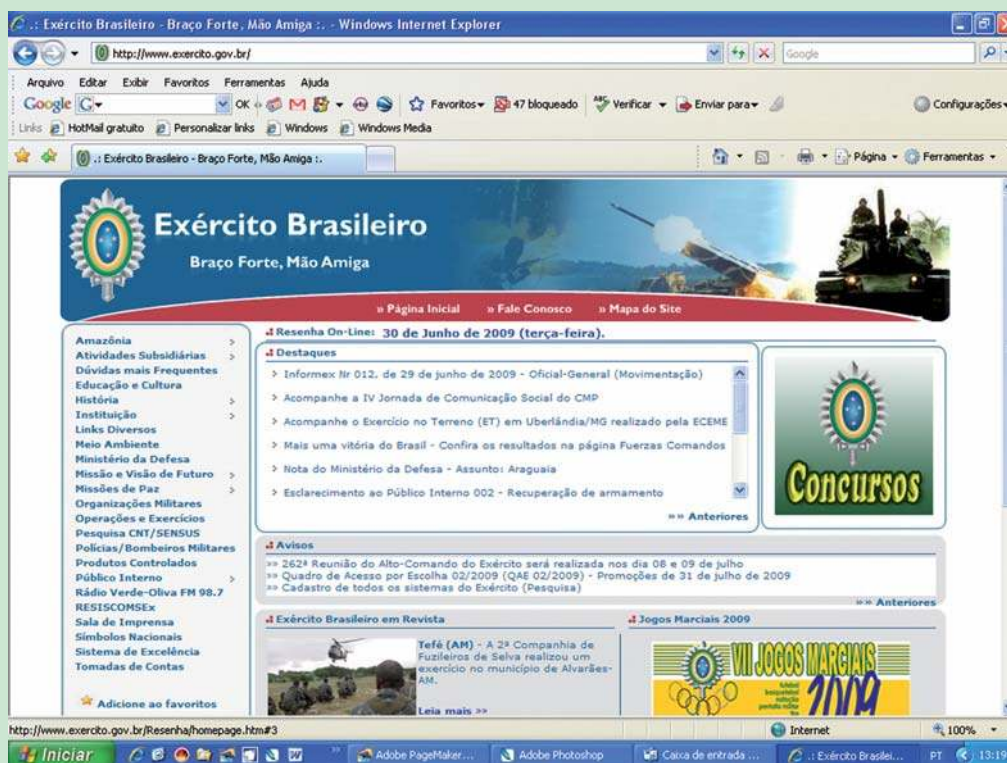
Controle de Trânsito



Treinamento de cães

Fotos: Beto Tavares

Acesse o Portal do Exército Brasileiro



www.exercito.gov.br

O SISTEMA DE EXCELÊNCIA NO EXÉRCITO BRASILEIRO



Os fundamentos da Excelência em Gestão traduzem práticas encontradas em organizações de elevado desempenho em todo o mundo.

A aplicação de um modelo para a implantação de estratégias de melhoria da gestão em uma organização do porte e tradição do Exército Brasileiro é altamente complexa. Há de se considerar que, apesar de integrar a Administração Pública Federal, a Instituição possui particularidades que a diferem de outros organismos do Estado e enfoque bastante diverso dos preconizados pela iniciativa privada.

O Programa de Excelência Gerencial do Exército Brasileiro (PEG-EB), implantado em 2003, tinha como finalidade aperfeiçoar a capacidade gerencial, influenciando diretamente na operacionalidade da Força. O PEG-EB visava à otimização dos processos, ao gerenciamento dos projetos e à motivação de todos os militares, na busca de uma administração apta à permanente evolução.

Em prosseguimento ao PEG-EB, o Comandante do Exército criou, em 2007, o Sistema de Excelência no Exército Brasileiro (SE-EB). Definiu-se como finalidade ampliar as modernas práticas de gestão, buscando o compromisso com os resultados, traduzidos pela observância das prioridades estabelecidas no Plano Diretor do Exército (PDE). O Sistema enfatiza a simplicidade e a flexibilidade nos processos administrativos, além da eliminação do retrabalho nas etapas intermediárias que não agreguem valor ao processo decisório.

A partir de 2009, o SE-EB inaugura uma nova fase: sua institucionalização, cabendo ao Estado-Maior do Exército (EME) a execução das atividades correlatas de pesquisa e desenvolvimento.

A IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA DE EXCELÊNCIA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

O SE-EB visa integrar as informações gerenciais do Exército Brasileiro, subsidiando as decisões da Alta Administração do Exército e incorporando conceitos e práticas oriundos do PEG-EB.

Com o objetivo de atender essas premissas, o SE-EB foi estruturado em quatro projetos principais, inter-relacionados:

- Sistema de Gestão Estratégica/*Balanced Scorecard* (SGE/BSC) - tem como objetivo gerenciar os projetos estratégicos de interesse do Exército, empregando a metodologia *Balanced Scorecard* e estabelecendo um modelo integrado com o Sistema de Planejamento do Exército (SIPLEx);
- Sistema Integrado de Gestão (SIG) - destina-se a implantar um **SISTEMA DE APOIO À DECISÃO** (SAD), até o escalão Grande Unidade, aperfeiçoando a gestão por meio da integração dos sistemas corporativos das diversas áreas de atividade;
- Projeto Gestão de Processos (PGP) - visa implantar um modelo de identificação, seleção, mapeamento e modelagem dos processos no Exército. Tem por finalidade documentar e aprimorar as atividades e funções existentes, buscando a redução de custos, a economia de meios e proporcionando informações oportunas e precisas;
- Projeto de Consolidação do PEG-EB - dá continuidade às atividades do PEG-EB, utilizando como ferramenta a autoavaliação que subsidiará a elaboração do Plano de Gestão. Busca, ainda, consolidar as modernas práticas de gestão, visando elevar o nível de efetividade da Força Terrestre.



União em torno do objetivo

A implantação desses Projetos contribuirá para a consecução dos seguintes objetivos estabelecidos no Sistema de Planejamento do Exército (SIPLEX):

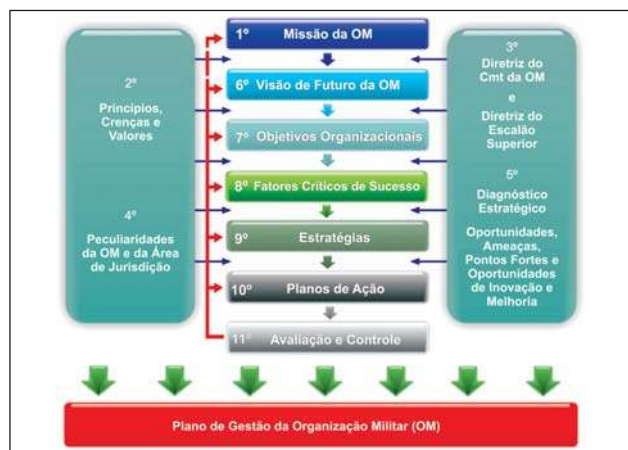
- complementar, aprimorar, consolidar e integrar os sistemas existentes na Instituição;
- racionalizar e modernizar a sua gestão, a sua estrutura organizacional e os seus processos administrativos; e
- assegurar eficiente gestão da informação no âmbito da Instituição.



Portal do Sistema de Excelência

AUTOAVALIAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES MILITARES

A autoavaliação das Organizações Militares (OM), a validação pelo escalão enquadrante, a visualização efetiva das oportunidades de melhoria e a elaboração e o aperfeiçoamento do Plano de Gestão serão realizados a cada 02 (dois) anos e não anualmente, dentro do contexto da Melhoria Contínua (MC), de forma a desonerar as OM.



Planejamento Estratégico Organizacional

A elaboração do Plano de Gestão utiliza a metodologia preconizada pelo Planejamento Estratégico Organizacional (PEO), procedimento que permite a obtenção de melhores resultados na busca da excelência gerencial.

Outra inovação incorporada, a partir de sugestões dos Assessores de Gestão das OM, foi a simplificação da autoavaliação, que passa de 1.000 (mil) para 500 (quinhentos) pontos. A redução dos requisitos e a sua adaptação às peculiaridades e à cultura do Exército visa facilitar a atividade das OM.

Essas mudanças implicaram em uma revisão do SISPEG-WEB – ferramenta de informações gerenciais, com utilização via internet (<https://www.sispegweb.ensino.eb.br>) – permitindo, dentre outros benefícios, o melhor gerenciamento dos Planos de Gestão, das autoavaliações e dos acessos aos relatórios das OM.

CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

Todas as atividades de pesquisa, desenvolvimento e execução do SE-EB passaram a ser absorvidas pelo Estado-Maior do Exército, cabendo à 2ª Subchefia o gerenciamento, em caráter temporário, da capacitação dos recursos humanos.

A capacitação de recursos humanos no corrente ano, está prevista para ser realizada por meio de cursos presenciais e de “ensino a distância”.

A capacitação de caráter presencial, denominada “Curso Básico em Gestão” (CBG), encontra-se em execução desde 2003, totalizando 14 edições. No ano de 2009, serão realizadas outras duas. A primeira, de 22 de junho a 06 de agosto, para oficiais superiores e capitães das Organizações Militares da Guarnição de Brasília, e a segunda, de 06 de outubro a 12 de novembro, para oficiais e sargentos instrutores e monitores dos Estabelecimentos de Ensino do Exército.



Curso Básico em Gestão - 2009

Os cursos a distância – Melhoria Contínua (MC), Análise e Melhoria de Processos (AMP) e Planejamento Estratégico Organizacional (PEO) – vêm sendo realizados por meio do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX) e da Fundação Trompowsky.

Os públicos-alvo desses cursos são os assessores de gestão das OM do Exército, oficiais-alunos e sargentos-alunos das Escolas de Aperfeiçoamento e os oficiais recém-nomeados para o comando de OM.

Com a finalidade de consolidar a institucionalização da capacitação de recursos humanos para o SE-EB e a consequente transferência dessa atribuição para o DECEX, encontra-se em estudo no EME, em conjunto com aquele Departamento, o seguinte:

- aperfeiçoamento dos conteúdos e das cargas horárias previstas para o ensino da disciplina "Ciências Gerenciais" nos Estabelecimentos de Ensino do Exército; e
- a viabilidade e a conveniência da criação de um curso de extensão em Gestão, em substituição ao atual CBG e a alguns cursos a distância.

PRÊMIO NACIONAL DA GESTÃO PÚBLICA



O Prêmio Nacional da Gestão Pública é uma das ações estratégicas do Programa Nacional de Gestão Pública e Desburocratização - GESPUBLICA.

Sua finalidade é reconhecer e premiar as organizações públicas que comprovem alto desempenho institucional com qualidade em gestão.

Nas dez edições, o Exército Brasileiro foi contemplado com 20 premiações, sendo que, no ano de 2007, último ciclo realizado, foram premiadas, na faixa bronze, as seguintes organizações militares:

- Comando da 10ª Região Militar;
- 35º Batalhão de Infantaria; e
- Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército.



Recebimento do Prêmio Nacional da Gestão Pública - 2007

PRÊMIO NACIONAL DA QUALIDADE

O Prêmio Nacional da Qualidade (PNQ) é um modelo utilizado para promover a melhoria da qualidade da gestão e o aumento da competitividade das organizações.

Considerado o maior reconhecimento da excelência na gestão de empresas sediadas no Brasil, chegou, em 2008, à sua 17ª edição, com 52 organizações participantes, três finalistas e duas vencedoras.

O 4º Regimento de Carros de Combate – Rosário do Sul/RS – foi finalista do PNQ, sendo a **primeira Organização Pública** da Administração Direta Brasileira a obter esse reconhecimento.



Recebimento do Prêmio Nacional da Qualidade - Ciclo 2008

CONCLUSÃO

A nova fase do SE-EB - com a sua institucionalização - voltar-se-á essencialmente para o aumento da operacionalidade da Força Terrestre, por meio da consecução de resultados práticos e tangíveis em todas as Organizações Militares do Exército.

As ferramentas do SE-EB – como o Planejamento Estratégico Organizacional, a Autoavaliação da Gestão, a Análise e Melhoria dos Processos e o Sistema de Medição de Desempenho –, apoiadas no SISPEGWEB, permitem a melhoria dos resultados organizacionais relativos aos processos finalísticos e de apoio.

O desenvolvimento das melhores práticas de gestão, no âmbito de todo o Exército Brasileiro, contribuirá eficazmente para a concretização dos objetivos colimados pela Instituição e a integrará, cada vez mais, à sociedade brasileira. —

FORÇA COMANDOS



BRASIL 2009

Brasil

Força Comandos 2009

BRASIL - EQUADOR - COLÔMBIA - EL SALVADOR
ESTADOS UNIDOS - HONDURAS - COSTA RICA - URUGUAI
CHILE - ARGENTINA - PARAGUAI - GUATEMALA
REP. DOMINICANA - PERU - JAMAICA - TRINIDAD E TOBAGO
MÉXICO - NICARÁGUA - BELIZE - BARBADOS

Campeão



Pensionista gaúcha de 116 anos

Uma lição de vida

Nascida em Parobé, município de Taquara, Rio Grande do Sul, em 12 de agosto de 1892, passou a maior parte de sua vida na zona rural e ficou órfã de pai e mãe ainda criança. Sra **Elizia** reside atualmente em Novo Hamburgo (RS), com familiares da Sra **Maria Therezinha Hoff**, sua procuradora.

Elizia Torres e Silva nasceu três anos depois da Proclamação da República e, portanto, está com 116 anos de idade. Apresenta algumas falhas de memória, gosta de conversar e pouco acompanha os acontecimentos e manchetes das emissoras de televisão, já que, em sua opinião, “passa muita bobagem na televisão”. Seu estado de lucidez é incontestável.

Apesar de sua pouca instrução, conversa com clareza e sabedoria sobre diversos assuntos. Gosta muito de caminhar, ter contato com pessoas e passear. Por ela, não deixaria de realizar suas atividades em casa, porém lembra que suas pernas estão um pouco fracas e precisa de apoio para caminhar com segurança. Sempre alegre e com boa disposição para a prosa, Dona **Elizia** destaca: “Gostaria de andar mais e poder mexer com a horta lá em casa”.

Sua dieta alimentar não tem nada de especial e ela afirma que “gosta de polenta e churrasco; não tem como faltar uma caneca de vinho tinto da colônia durante o almoço”. Ao longo de toda sua vida, sempre trabalhou no campo, preparando a terra para plantar verdura e outros gêneros de subsistência familiar.

Sra **Elizia** nunca pensou que iria chegar aos 116 anos e procurou viver da melhor maneira possível. “Estou aqui até quando puder, gosto de caminhar, de ver coisas boas e rezo todos os dias. Hoje, é muito difícil ir à igreja... se eu ajoelhar é muito dolorido e cansativo para sentar outra vez”, conta.

Ela não se casou, porém teve um companheiro. Hoje diz que não se arrepende por não ter contraído matrimônio e recorda-se, com emoção, de uma filha que morreu muito nova. A Sra **Elizia** também declara que não gosta de ser fotografada por trazer-lhe lembranças desagradáveis.

Em 13 de julho de 1953, para proporcionar a essa gaúcha uma vida digna, o Presidente da Comissão de Habilitação de Pensões Vitalícias da Guerra do Paraguai e da Campanha do Uruguai concedeu o Título nº 410 à filha do veterano **Joaquim de Araujo e Silva**. Dessa forma, ficaram garantidos os direitos decorrentes da condição de pensionista à Sra **Elizia**, a partir de 18 de novembro de 1948.

A Sra **Elizia**, com toda a sua lucidez e sapiência, é a pensionista mais idosa do Exército Brasileiro. —



Foto: Sgt Specht

Sra Elizia conversa com o Chefe da SIP da 3ª Região Militar

O SCMB na Olimpíada Brasileira de Matemática/2008



Criada em 2005 para promover um ambiente estimulante ao ensino da Matemática, a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) chega à sua 4ª edição. Assemelhada a exemplos exitosos estrangeiros, como a Olimpíada Internacional de Matemática, que reúne alunos de mais de 100 países, esta competição intenta, entre outros objetivos, estabelecer uma nova relação dos alunos para com a disciplina, relação esta marcada pela autoconfiança e pela paixão para com o estudo.

O crescimento exponencial de seus números evidencia seu sucesso: no certame de 2008, cujos resultados são agora divulgados, mais de 18 milhões de alunos, matriculados em cerca de 40,3 mil escolas, competiram por 300 medalhas de ouro, 900 de prata e 1.800 de bronze, além de mais de 2.000 menções honrosas.

É neste cenário que sobressai o Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB). Nossos alunos conquistaram cerca de um terço das medalhas de ouro (93), cinco a mais que no ano de 2008, sendo um deles, **Daniel dos Santos Bossle**, do Colégio Militar de Porto Alegre, tricampeão na competição. Foram 139 medalhas de prata, resultado 58% melhor que no ano anterior, e 113 medalhas de bronze, além de 151 menções honrosas.

Há que se destacar a expressiva participação do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ), que, sozinho, conquistou mais medalhas de ouro do que 24 Estados da federação. Os alunos do CMRJ obtiveram 22 medalhas de ouro, sendo superados, somente, pelos Estados de Minas Gerais, e São Paulo. Além dessas, esses mesmos alunos

conquistaram, também, 26 medalhas de prata, 21 de bronze e 21 menções honrosas, totalizando 90 prêmios. Um resultado fantástico, incomparável. Nenhum outro Colégio do Brasil aproximou-se desses números.

A que atribuir esta flagrante liderança? A uma proposta pedagógica eivada de valores, na qual a hierarquia e a disciplina permeiam os objetivos, estratégias e metas, alicerçando as práticas e dando o estofamento necessário ao desempenho docente. Uma proposta que atribui significado e sentido ao labor do estudante, motivando-o, de manhã a noite, a se por em um movimento norteado pela nobreza dos eternos e insubstituíveis heróis de nossa história.

O sucesso do Sistema Colégio Militar do Brasil espelha o mérito de seu público: alunos, professores e demais agentes de ensino. Sabe-se do afincamento com que, irmanados em sua proposta, os mestres e os mestrandsos burilam a excelência que, em resultados como o da OBMEP, mostra seus frutos.

Professor: sua liderança é, antes de tudo, seu exemplo; no caminho sem atalhos da formação cidadã, não há privilégios, somente conquistas de dedicação e fé. Não há mágicas que dispensem o olhar atento, a atenção diferenciada, a autoridade engrandecedora.

Aluno: sua melhor medalha é o brasão de seu Colégio, símbolo indelével que atesta sua virtude. Entre os muros tradicionais dessas escolas, sinta-se em casa. Você é um de nós.

Parabéns SCMB! Parabéns Departamento de Educação e Cultura do Exército! Parabéns Exército Brasileiro! —

TOTAL DE MEDALHAS	COLÉGIOS MILITARES													TODAS AS UF (2)	% CM/OM
	CMBH	CMB	CMCG	CMC	CMF	CMJF	CMM	CMPA (1)	CMR	CMRJ	CMS	CMMS	SCMB		
OURO	14	13	3	7	12	5	2	2	6	22	7	-	93	300	31,00
PRATA	11	21	13	10	15	8	7	3	12	26	10	3	139	900	15,44
BRONZE	7	12	14	7	11	5	6	5	8	21	9	8	113	1800	6,28
MENÇÃO HONROSA	5	23	16	13	7	10	17	14	9	21	12	11	158	29840	0,53
SCMB	37	69	46	37	45	28	32	24	35	90	38	22	496	3000	16,00

(1) 01 (um) aluno tricampeão (medalha de ouro) e segundo lugar nacional

(2) Total das menções honrosas, excluído o Estado do Tocantins (não informado)

As Bandas de Música Militares

A história da música na antiguidade evidencia a sua importância na sociedade como instrumento de integração e socialização. Porém, a terminologia “banda de música” só é apresentada, pela primeira vez, em 1678 na Inglaterra, pois, até então, só havia notícia de músicos nas tropas. A partir dessa data as bandas de música militares não cessaram de se multiplicar e desenvolver repertório próprio inerente à sua condição de militar. Na Europa, a banda de música parece ter suas origens na França. No Brasil, os músicos militares também exercem um papel relevante na sociedade brasileira desde os tempos coloniais, porém, não mais motivados pelos combates e batalhas, mas, principalmente, pelas suas apresentações cívicas, religiosas e muito mais sociais do que no início da história da música em ambiente militar.

Embora haja a confirmação da existência de bandas militares na segunda metade do século XVIII, em Pernambuco, elas vieram a ser mais populares a partir da chegada de D. **João VI**, com sua corte ao Rio de Janeiro em 1808. O rei trouxe consigo uma banda de música portuguesa e, durante a estada da família real no Rio de Janeiro, foram realizados vários concertos pelas bandas existentes na época.

As bandas de música militares do final do século XVIII foram criadas nos regimentos milicianos do Recife e Olinda, por ato do governador D. **Tomás José de Melo**. A exemplo destas, foi criada também uma banda no terço auxiliar de Goiana (PE), em 1789, mantida pela respectiva



Banda de Música do 5º Batalhão de Caçadores, Rio de Janeiro(RJ). Passou por Belém(PA) e por várias cidades de São Paulo, da

oficialidade. Mediante consentimento daquele governador, também se registra uma banda de um regimento de linha da guarnição da vizinha cidade da Paraíba em 1809, composta por dois pífaros, um dos quais, de **Manuel de Vasconcelos Quaresma**, que era o mestre, e mais duas clarinetas, duas trompas, um fagote e um zabumba.

Desde os tempos coloniais e, principalmente, após a decadência da exploração de ouro no Rio de Janeiro, as primeiras bandas de música, formadas por barbeiros, escravos em sua maioria, tocavam fandangos, dobrados e quadrilhas em festas religiosas e profanas.



Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro



), Unidade que veio a ser denominada 5º Regimento de Infantaria.
ando origem ao 5º Batalhão de Infantaria Leve, Lorena(SP).

Em 1831, são criadas as bandas de música da Guarda Nacional, e esta arte espalha-se pelo país. Em 1896, **Anacleto de Medeiros** funda a mais famosa de todas as bandas de música: a do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro.

Naquela época, um grande número de músicos militares atuava em orquestras e outros nas igrejas onde participavam do serviço religioso. Como no Brasil, nos tempos da colônia, existiam os músicos das tropas de cavalaria e de infantaria, os quais não se limitavam à música militar.

Pode-se dizer que a primeira banda militar, organizada como um conjunto, apresenta-se em 1808 com a vinda da família Real para o Brasil. Tratava-se da banda marcial da Brigada Real da Marinha, que deu origem a Banda do Corpo de Fuzileiros Navais. Após a chegada do Rei, em 1810, foram criadas as bandas para os Regimentos de Cavalaria e Infantaria da Corte. O apoio do D. **Pedro I** foi imprescindível para o surgimento das bandas de música, tendo em vista sua habilidade como compositor, pianista, clarinetista e fagotista.

Da Guerra do Paraguai, se não há melhores registros de organização das bandas militares, há copiosas referências à atuação dos nossos músicos militares em campanha, constantes de comovidas reminiscências, nas quais há relatos de "Combate entre Músicos". Esses documentos registram a luta da Banda de Música do 42º de Voluntários contra a banda do 40º Corpo do Exército paraguaio, a Guardiã de Lopez, culminando com a banda inimiga destruída e sobrevivência de apenas seis integrantes da nossa Banda.

Entre os nossos mortos, estava o seu mestre **Felipe Neri Barcelos**, comandante daquela ação.

Nas batalhas dos Guararapes (1648-1649), nasceu o nosso Exército e a música militar brasileira acalentou esse nascimento, ao som de seus executantes brancos, negros e índios.

Com a decadência do ouro no século XIX, toda a pompa e o brilho do cerimonial viram-se diminuídos, como em todos os setores da sociedade. Já não havia tanto dinheiro para o pagamento dos serviços de música, o que contribuiu para a redução do número de músicos e refletiu diretamente na diminuição do número das orquestras, fator que deu origem às bandas civis. Essas bandas assumiram, como herança, o serviço eclesiástico que era executado pelas orquestras. No fim do século XIX, usando uniformes que lembram o dos militares, surgiram as associações, liras e filarmônicas, que logo se espalharam pelas diversas cidades do Brasil.

As bandas de música evoluíram e transformaram-se em uma das mais populares manifestações da cultura nacional: onde havia um coreto, existia uma bandinha, orgulho da cidade.

No seio das bandas de música, formaram-se notáveis músicos profissionais e amadores, eruditos e populares, dentre os quais se destacam renomados maestros e instrumentistas, como **Patápio Silva**, **Anacleto de Medeiros**, entre outros. As bandas também foram um centro gerador de novos gêneros musicais e de um vasto repertório de chorinhos, marchas e dobrados.

De todas as manifestações artísticas produzidas pelo ser humano, poucas guardam tanta afinidade com a profissão militar quanto a música. Desde a mais remota antiguidade até às guerras de alta tecnologia de nossos dias, as bandas militares cumprem o singular e insubstituível papel de reforçar o moral e o ânimo daqueles que, nas casernas em tempos de paz ou nas agruras das campanhas, dedicam-se à profissão das armas. —



Banda de Música da 3ª DE
1961 - Desfile da Legalidade, em Santa Maria

Personagem da nossa História

O eterno “Sargento Lima”

Nascido no ano de 1912, em São Gonçalo do Pará (MG), o jovem **Miguel Ferreira de Lima** apresentou-se como voluntário nas fileiras do Exército aos 17 anos de idade, incorporando ao efetivo do 6º Grupo de Artilharia de Dorso – quartel em Quitaúna (SP). Dez meses após, foi transferido para o 1º Grupo de Artilharia e Dorso (1º GADo) em Campinho (RJ) – atual 21º Grupo de Artilharia de Campanha (21º GAC).

No 1º GADo, conforme relato próprio, encontrou brilhantes oficiais, como os irmãos **José Maria** e **Antonio Carlos de Andrade Serpa**, que o indicaram para o curso de formação de cabos. Seis meses depois de promovido, foi matriculado no curso de formação para sargentos.

Em 05 de fevereiro de 1942, já com a população do Rio de Janeiro assustada com o noticiário da guerra e com o grande movimento de tropa por toda cidade, foi promovido a 3º Sargento, quando assumiu o comando de uma peça de artilharia de uma das baterias do 1º GADo. Manteve a função no 2º Grupo do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado (II/ 1º ROAur), com o qual integrou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Campanha da Itália.

O Sgt **Lima**, chefe da 2ª peça (peça diretriz) da 1ª Bateria de Obuses, comandada pelo Capitão **Mario Lobato Vale**, embarcou com a primeira tropa que partiu para a Itália, no 1º escalão da FEB. Em relato minucioso, descreveu como aconteceu a entrada em posição, para a realização do primeiro tiro da FEB que saiu de sua peça:

“... a Bateria formou-se em coluna, iniciando o deslocamento, integrada ao Grupo. Anoitecia e logo nos deslocávamos na total escuridão, tendo apenas as luzes de posição das viaturas acesas. O Coronel **Geraldo Da Camino**, comandante do Grupo, às vezes, controlava o trânsito das viaturas ao longo do itinerário. Íamos próximos do mar, passando por Staffoli e Livorno, chegamos à região de Camaiore. Entramos em posição à noite, com os guias nos dirigindo com bandeirolas brancas, em posições já balizadas anteriormente. Aguardamos em posição durante toda a madrugada. O pessoal tenso e ansioso por abrir fogo. Os comandos de tiro custaram a chegar, pois os observadores



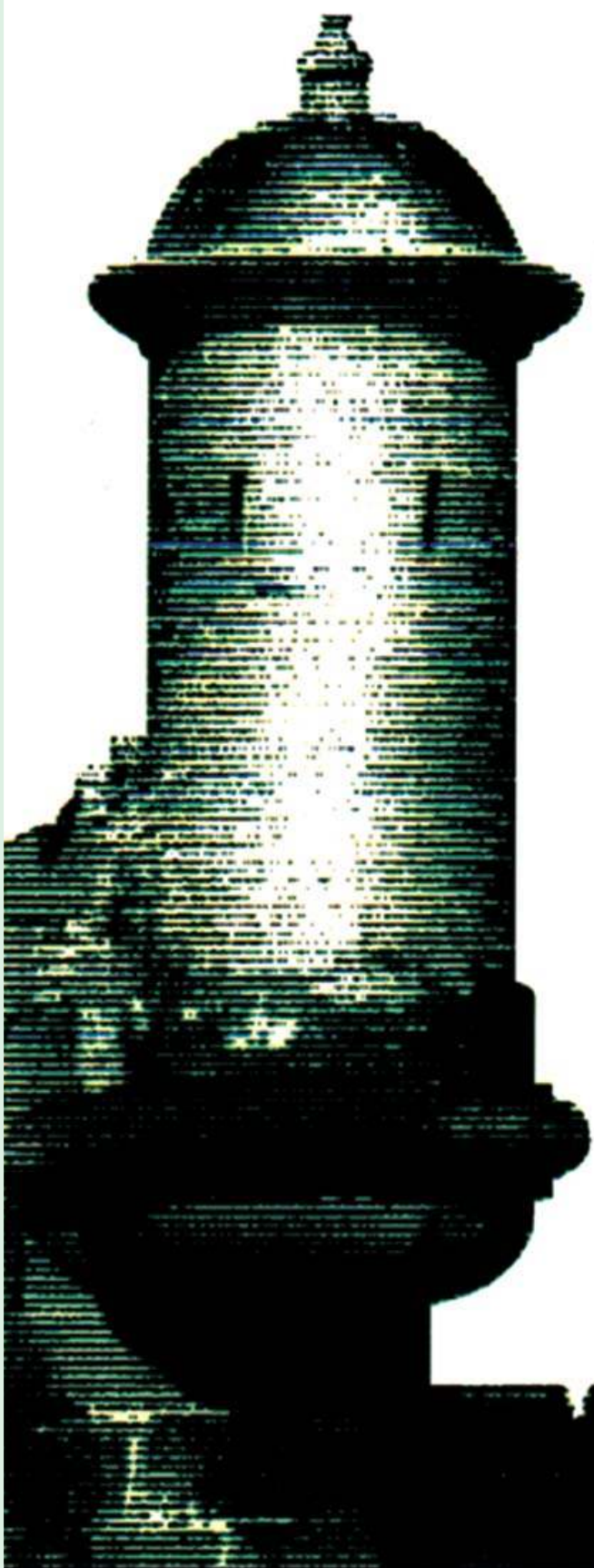
avancados tinham dificuldade para determinar as posições do inimigo. A missão de observador avançado é muito perigosa. O Tenente **Ramiro Moutinho** estava em Torre Nerone, uma posição que era constantemente bombardeada pelos alemães. Por volta das 14 horas, após termos comido nossas rações K, vieram os primeiros comandos da Central de Tiro...”, “... a missão de tiro foi cumprida; isso em 16 de setembro de 1944, exatamente às 14 horas e 22 minutos, o que ficou para história do Exército”.

Após o primeiro tiro, permaneceu em combate até o final da guerra. Em mais uma passagem marcante, explicou o apoio ao ataque a Monte Castelo:

“... Apoiamos o ataque final a Monte Castelo, onde toda a FEB atuou. Todos os Grupos, a Artilharia Divisionária, a Companhia de Manutenção, a Subsistência. Minha peça estourou quatro raias do tubo, eu telefonei para o Capitão e quatro horas mais tarde chegou a manutenção. Trouxeram um tubo novo, em uma viatura $\frac{3}{4}$ de tonelada. Veio um sargento mecânico e seu ajudante. Eles trocaram o tubo ali. O tubo danificado foi recolhido, hoje está no pátio do Quartel da Unidade (21º GAC), com uma inscrição, vou sempre visitá-lo. Era meu tubo, é uma peça de meu obus que traz saudade”.

O “Sargento Lima” deixou esta função após o término daquele amplo conflito que abalou o mundo. Passou para a reserva, em 1950, sendo promovido a primeiro-tenente. Por sua participação na 2ª Guerra Mundial, recebeu a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra.

O 21º GAC, para não deixar se apagar a história de seus heróis que travaram inúmeras batalhas nos campos da Itália, anualmente comemora o aniversário do 1º Tiro de Artilharia da FEB. Este ano, infelizmente, não poderá contar mais com a presença do “Sargento Lima” (chamado assim, por preferência própria), devido ao seu falecimento em 26 de novembro de 2008. —



Fundação Cultural Exército Brasileiro

Sociedade Civil

Soldado Brasileiro ORGULHO EM SERVIR



EXÉRCITO BRASILEIRO
Braço Forte - Mão Amiga



25 de Agosto
DIA DO SOLDADO

www.exercito.gov.br

Patrocínio:
POUPEX Associação de Poupança e Emprestimo

Ministério da Defesa
BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL